



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Antônio José da Silva
Esopaida ou Vida de Esopo



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Esopaida ou Vida de Esopo

Antônio José da Silva

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1734.

Livro Digital nº 871 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

Antônio José da Silva Coutinho

(1705 – 1739)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

ESOPAIDA

OU "VIDA DE ESOPPO"



Ópera que se apresentou no Teatro do bairro Alto de Lisboa, no mês de abril de 1734.

ARGUMENTO

Esopo, filósofo, sendo cativo de Zeno, foi vendido a Xanto, filósofo ateniense, o qual estimou muito a Esopo, por ser gracioso e sábio. Este, servindo a seu senhor Xanto em a cidade de Atenas, venho sobre a mesma cidade el-rei Cresso de Lídia com um grande exército. Foi insinuado pelo oráculo de Júpiter que Esopo, como sábio, fosse o Diretor da defesa dos Atenienses, e com seus ardis os livrou, dando o povo a Esopo a liberdade em benefício da pátria. Casa Periandro com Filena, filha de Xanto. El-rei Cresso premia os grandes merecimentos de Esopo, fazendo-o governador da cidade, e levanta o cerco. O mais se verá em o contexto da história.

INTERLOCUTORES:

CRESSO (rei da Lídia)

ZENO (filósofo, senhor de Esopo)

PERIANDRO (discípulo de Xanto, amante de Filena)

ÊNIO (discípulo de Xanto)

TEMÍSTOCLES (senador)

FILENA (filha de Xanto)

EURÍPEDES (mulher de Xanto)

GERINGONÇA (criada de Eurípedes)

ESOPO (filósofo)

Soldados e Coro.

ATO I

CENA I

Depois de cantar o coro, descobre-se a praça com fonte, e haverá como uma feira, com grande concurso de homens e mulheres, e irão saindo Zeno com os dois escravos, e Esopo mais atrás.

ZENO

Notável dia de feira, para um homem ganhar com estes três escravos sequer duzentos por cento, que não é usura! Oh, queria Júpiter que não chova! Não me dirás, Esopo, já que és tão prezado de respondão, por que quase sempre em todas a feiras chove?

ESOPO

Isso tem pouco que saber: porque, como quase sempre as freiras se fazem nos Rocios, por força se hão de molhar, ou rociar as feiras.

ZENO

Que depositasse a Providência em vaso tão tosco uma alma tão perfeita, como a deste Esopo!

PRIMEIRO ESCRAVO

Para que nos trará nosso patrão hoje à feira? Isso é novidade.

SEGUNDO ESCRAVO

E o que mais me faz desconfiar é o vestir-nos com roupas novas e trazer-nos mui franças. Que dizes, Esopo? Que será isto?

ESOPO

De sorte, meus amigos, que segundo a perspectiva em que estamos, cheira-me isto a que nosso patrão nos traz aqui para que alguém se namore de nós para casar; porque ele é muito amigo de fazer geração na bolsa.

PRIMEIRO ESCRAVO

Não; isto à mais alguma coisa.

SEGUNDO ESCRAVO

Isso é o que quer que é.

ESOPO

Seja o que for: nunca cuidei no que está para vir. Não há coisa como um criado ser bem procedido de unhas em fora, que logo não tem que temer, nem que cuidar; e para que vejais o quão pouco se me dá isso, vamos vendo esta feira.

ZENO

Donde, Esopo, vás? Tu não ouves? Com que falo eu?

ESOPO

É comigo?

ZENO

Sim.

ESOPO

Eu não me chamo Esopo Vaz; sou Esopo só, nu e espúrio, como minha mãe me pariu.

ZENO

Aonde ias, entremetido?

ESOPO

Se eu fora entremetido, perguntara a vossa mercê para que nos traz hoje a esta grande feira.

ZENO

Para vender-nos a todos três; pois todos três sois intoleráveis pelas vossas manhas; porque tu és um bêbado, e tu um ladrão.

ESOPO

Visto isso, quem comprar este, sendo ladrão, compra-o com sisa e tudo. E eu, senhor, quais são as minhas habilidades, ou virtudes?

ZENO

São boas! Primeiramente mexeriqueiro e bacharel.

ESOPO

Se eu fora bacharel, soubera Direito; se eu soubera Direito, eu me endireitaria, e não fora corcovado; não é por aí que vai o gato às filhoses. Tem mais de que se acuse?

ZENO

Mais tenho! O ser alcoviteiro não presta?

ESOPO

Eu digo que não presta; mas olhe, o que lhe digo é que, se vossa mercê me vende por isso, que não faltará quem por isso me compre. Ora o certo é que estamos em um tempo que se não sabem estimar os homens de prendas ou as prendas dos homens! Se vossa mercê bem soubera o que eu sou, talvez que me não vendera. Porém, falando com a mais cativa reverência, não é o mel para a boca do sino.

ZENO

Qual é o mel, e qual é o asno?

ESOPO

O asno, falando por entre os dentes, é vossa mercê, e o mel é o que sai e o que levo do tinteiro.

ZENO

Acaba por isso, que, se começa com arengas, nunca acabarás. Mas enquanto vem chegando os feirantes, vamos passeando por esta praça. Que te parece? Não é boa?

ESOPO

De boa tem pouco.

ZENO

Pois acha que esta praça não é boa? Que acha que lhes pões?

ESOPO

Senhor, não pode deixar de ser achacada uma praça com fontes; e ao meu ver tem dor de pedra, porque urina devagar.

HOMEM

Ah, sô amigo, que procura? Se quer uma boa espada, aqui tem.

ESOPO

Sou tentado com espadas; este homem é bruxo; adivinhou-me o gênio. Vejamos lá que tal é.

HOMEM

É uma folha velha.

ESOPO

Folhinha velha, isso é do ano passado; não me serve para este; quero uma folhinha para este ano que vem, com um eclipse de estocadas.

HOMEM

Não me entende? Digo que tem aqui uma espada velha.

ESOPO

Pior! Eu não quero senão uma espada nova; e vem cá o senhor à feira com uma espada velha!

HOMEM

Vá-se daí, que não entende de espadas; aí tem rocas; vá comprá-las.

ESOPO

O homem não tem isso. (*À parte*) Pois fia você de mim, que não entendo de espadas? Pois saiba que meu pai foi um ferro-velho; e, quando me gerou na bainha de minha mãe, nasci eu tão espadaúdo, que cuidou a comadre que era eu um peixe-espada; e por final, que com poucos dias de nascido me punham à cabeceira uma espada nua, por amor das bruxas.

HOMEM

Passa fora, corcunda; onde levas a merenda às costas?

ESOPO

A das costas é minha, e a que estás mais abaixo é para você.

OUTRO

Fora, poeta.

ESOPO

Olha tu, não te faça uma sinalefa na cara, e um poema de pés quebrados.

ZENO

Valha-te o Diabo, maldito! Não te calarás, que és aqui a fábula de Esopo.

MULHER

Aqui tem boas couves, menino; merque comigo.

ESOPO

Deveras, que a menina das couves não é mau repolho para a panela do amor.

MULHER

Olhai quem fala m amor! Tira-te lá, espantalho; não me enguices a venda.

ESOPO

Eu nunca vi Vênus com venda. Veem vocês? Esta coveira me há de enterrar no cemitério dos seus olhos, que são dois valentes carneiros.

ESOPO

Chitom, que aí vem nosso patrão direito como um fuso; esperem, esperem, que ele lá vai para a feira das bestas. Ah, senhor, aonde vai? Também a vossa mercê se quer vender?

ZENO

Que dizes? Arre para cá, não se troque vossa mercê; ao depois não o poderemos conhecer; e, quando não, ponha um sinal na orelha e vá-se.

ZENO

Como te tenho por bobo, tens licença para tudo.

(Saem Xanto, Periandro e Ênio com vestidos talares)

XANTO

Nesta mesma variedade confusa se alimenta a potência visiva.

PERIANDRO

Senhor mestre Xanto, sobre isso da potência visiva tinha eu um argumento, e muito forte.

XANTO

Periandro, fique-vos de advertência que nem todo o lugar é para todas as coisas; nas praças vende-se, e nas aulas argumenta-se.

ÊNIO

Diz bem o nosso mestre; vós, Periandro, sois terrível.

PERIANDRO

Vós, Ênio, também me quereis repreender? É. O que me falta!

ZENO

Senhor filósofo, vossa mercê porventura quererá comprar algum destes escravos?

XANTO

Eu só venho comprar um jumento para a nora da minha quinta.

ESOPO (*à parte*)

Eu nunca vi filósofo com quinta.

XANTO

Porém, se contudo mo acomodar no preço, não se me dá de comprar um escravo. Nada tu cá. Que sabes fazer?

PRIMEIRO ESCRAVO

Tudo.

XANTO

E tu?

SEGUNDO ESCRAVO

Eu tudo sei fazer.

PERIANDRO

Quem tudo sabe, nada sabe.

XANTO

E tu mostro, que sabes fazer?

ESOPO

Nada, graças a Deus.

XANTO

Homem (se é que o és), é possível que não saibas fazer coisa alguma?

ESOPO

Senhor, não se admire vossa mercê, que, como estes maus companheiros tomaram por sua conta o fazer tudo, não ficou para mim nada.

PERIANDRO

Quer dizer nossa mercê da reposta, senhor Xanto?

XANTO

Está com subtilidade. Ora dize-me: como te chamam?

ESOPO

A mim chamam-me como me querem chamar; não há meia hora, que uns me chamaram poeta e outros corcunda.

XANTO

Pergunto o teu nome.

ESOPO

Eu, senhor, com perdão de vossa mercê, chamo-me Esopo.

XANTO

Donde nasceste?

ESOPO

Do ventre de minha mãe.

XANTO

Não me entendes? Em que lugar nasceste?

ESOPO

Também não me disse minha mãe se me pariu em lugar alto ou baixo; mas cuido que foi aí a algures, ao pé de alguma coisa.

PERIANDRO

Ênio, o escravo tem atacado ao filósofo, nosso Mestre.

XANTO

Ou és mui simples, ou mui velhaco. Pergunto-te de donde és natural.

ESOPO

À que del-Rei, senhor, eu sou legítimo; não sou natural.

XANTO

Valha-te Deus; aonde é a tua pátria?

ESOPO

Isso é outra coisa; sou de donde me vai bem, que aí é a minha terra.

XANTO

Na verdade, que me tem admirado as respostas deste escravo! Hei de comprá-lo por todo o dinheiro, ainda que minha mulher se enfade. Quanto quer por Esopo?

ZENO

Pois não quer estes dois, que são perfeitos, e só lhe agradou este bruto? Mas, como vossa mercê vinha comprar um jumento, levando a Esopo tudo vem a ser o mesmo.

XANTO

Eu, senhor, não compro as perfeições do corpo, mas sim as da alma.

ZENO

Uma vez que vossa mercê assim o quer, todas as vezes que me der dez moedas, leve-o.

XANTO

Aqui as tem.

ESOPO (*à parte*)

Que diabo estarão falando uns com os outros, apontando para mim? Eu estou vendido aqui!

XANTO

Esopo, vai com o senhor Xanto, que a ele te vendi.

ESOPO

Não disse eu que estava vendido? Vamos, senhor Xanto filósofo; mais saiba que ambos vamos vendidos.

XANTO

De que sorte?

ESOPO

Eu, porque vossa mercê me comprou; e vossa mercê, porque não sabe o que leva em mim.

XANTO

O que eu levo em ti bem o sei.

ÊNIO

Vamos, vamos para casa, que é tarde.

ESOPO

Adeus, adeus, meus amados companheiros; despeçamo-nos depressa, antes que as lágrimas tenham notícia depressa, antes que as lágrimas tenham notícia da nossa despedida, que, se elas o sabem, logo virão aos cardumes. Adeus: olhai, se vocês fugirem, não seja para a Braga, que é má terra para cativos.

Ambos os escravos. Adeus, amigo.

ZENO

Esopo, não te despedes de mim?

ESOPO

Como vossa mercê me despediu de si para sempre, não queira outra vez despedir-se. Vamos, senhores.

CENA II

Mutação de câmara. Saem Filena e Geringonça.

FILENA

Falaste a Periandro?

GERINGONÇA

Por mais que andei daqui para ali, não o pude ver.

FILENA

Valha-te o demo, maldita, que não tens préstimo para nada! Como hei de passar daqui até à noite, sem saber de ti, meu Periandro? Tu, morfina, tens a culpa de minhas ânsias.

GERINGONÇA

Se são da madre, case-se, e deixe-me já com tais amores; porque vossa mercê me tem aqui para terceira da sua correspondência.

FILENA

Perdoa-me, Geringonça, que o amor me tem quase louca. Oh, quem me dera saber escrever, para todos os dias ter novas tuas, meu querido Periandro!

(Sai Eurípedes)

EURÍPEDES

Como é isso de meu querido Periandro?

GERINGONÇA

Temos o caldo entornado!

FILENA

Morfina de mim, que minha mãe me ouviu!

EURÍPEDES

Com que você já tem queridos! Está muito bem; teu pai saberá, desavergonhada!

FILENA

Eu não sei o que vossa mercê diz. Sei o que tu fazes; por isso, vós, minha filha, andais sempre contando os buracos às rótulas, porque todo o fogo tendes no peito. Ah, velhaca, sonsa, solapada! Com que o senhor Periandro é o vosso amante! Por isso ele tomou por mestre a teu pai, pata ter pé de vir aqui todos os dias!

FILENA

Olhe, minha mãe... porque eu... quando... sim...

EURÍPEDES

Que diabo dizes? Que falas, que nem atas nem desatas? Resta-me agora que te queiras desculpar.

FILENA

Pois eu que fiz? Olhe que está boa!

GERINGONÇA

Eu vou-me surrando, que esta trovoada há de parar em água. (*Vai-se*)

EURÍPEDES

Isto me faz desesperar! Tu podes negar o que eu vejo e o que agora te ouvi?

(Canta Eurípedes e Filena a seguinte: ária a duo)

EURÍPEDES

Ingrata filha!

FILENA

Brava mãezinha!

EURÍPEDES

Sempre doidinha
te hei de encontrar?

FILENA

Sempre doidinha
me há de chamar?

EURÍPEDES

Tu com amores!

FILENA

Eu? Não há tal.

EURÍPEDES

Ai, guarda lá.

FILENA

Eu? Não há tal.

EURÍPEDES

Eu bem ouvia
que lhe dizias
que lhe querias
e que lhe morrias;
tudo sei já.

FILENA

Basta mãezinha,
De consumir-me.
Ai, ouça cá.

EURÍPEDES

Para que negas?

AMBOS

Não quer ouvir-me?

FILENA

Ai, ouça cá.

EURÍPEDES

Ai, guarda lá.

(Saem Xanto, Periandro e Esopo, que ficará como escondido)

XANTO

Esopo, espera aqui detrás desta cortina.

ESOPO

É mui boa sala vaga!

XANTO

Amada Eurípedes, tardei muito?

EURÍPEDES

Isso é costume antigo. Donde vem a estas horas, amanhã?

ESOPO (*à parte*)

Ela é desta casta? Boas novas para o pai da criança.

XANTO

Ora não te agastes; que, se tardei, arrecadei.

EURÍPEDES

Que arrecadei? Que é o que me trazes da feira?

FILENA

É para mim, paizinho?

EURÍPEDES

Sim, tudo há de ser para ela? Não há de ser senão para mim.

XANTO

Pois saibamos para quem há de ser.

AMBAS

Para mim.

XANTO

Pois lá se avenham com ele; aí o tem.

(*Sai Esopo*)

EURÍPEDES

Que horrível fantasma!

FILENA

Que enorme espetáculo! Fugamos, minha mãe?

EURÍPEDES

Ai, senhores, que estou para me desmaiar! Ai, que ele se vem chegando! À que del-Rei!

ESOPO

Ora eu não cuidava quer a tão feio, que metia medo!

(Sai Geringonça)

GERINGONÇA

Que gritos são estes, senhora? Mas ai, coitada de mim, que demônio tão feio!

PERIANDRO

Boa a veio vossa mercê fazer; ela lhe dará o recado.

EURÍPEDES

Deite-me esse monturo pela porta fora; não o quero em casa nem um instante.

XANTO

Maldito de todos os diabos, agora estás mudo? Dize-lhe alguma coisa, com que se desenfade e se alegre.

ESOPO

Suponha vossa mercê que se me secou a prosa e que estou na hora do burro.

XANTO

Dize-lhe alguma coisa sequer.

ESOPO

Já que me puxa pela língua, deixe-a agora comigo. Parece muito mal, senhora Eurípedes, que vossa mercê se agaste com o senhor, seu marido, por lhe comprar um escravo feio. Pois que queria? Queria um servo gentil-homem para ficar cativa dele? Queria um rapagão, roliço, alvo e loiro, olhos azuis, com o corpo à inglesa e pernas à francesa, para que logo meu senhor com tal servo ficasse veado? Ora cuide em si e saiba estimar-me, que eu lho saberei merecer.

EURÍPEDES

Ai, só isso me fizera agora rir: és engraçado; já te vou perdendo o medo.

XANTO

Tu não sabes as prendas de Esopo; eu te prometo que gostes dele.

EURÍPEDES

Vem cá, Esopo; chega-te para mim.

ESOPO

Agora também não quero, que tenho medo de vossa mercê. À que del-Rei, que tarasca! Quem me acode, que me desmaio?

EURÍPEDES

Ora anda cá; façamos as pazes; olha bem para mim: és mui feio!

ESOPO

Isso é mercê que vossa mercê me faz.

FILENA

A cara parece um mono.

ESOPO

Ora não me lisonjeie.

GERINGONÇA

Ai, senhora, cá lhe vi uma corcova atrás.

ESOPO

Valha-te o demo a língua, que me descobriste uma falta que ninguém a havia de ver, se tu o não disseras!

EURÍPEDES

Ainda mais essa temos; é corcovado!

ESOPO

Bem podem montar em mim, que, ainda que sou corcovado, não faço corcovas.

XANTO

Deixem ao pobre Esopo, que, assim como é, tem muito préstimo.

EURÍPEDES

Que habilidades tens, Esopo? Sabes cantar?

ESOPO

Qual é o cativo que não sabe cantar *al son del remo, y de la cadena?*

EURÍPEDES

Sabes tanger?

ESOPO

Sei tangei bois muito bem.

EURÍPEDES

Sabes ler?

ESOPO

Não, senhora; escrever sim.

FILENA

Meu pai, eu quero que Esopo seja meu mestre e que me ensine a ler e a escrever.

XANTO

Sim, Esopo, tu hás de ensinar a esta rapariga a ler e a escrever; aí ta entrego.

ESOPO

Testemunhas me sejam todos que o senhor Xanto me entrega a sua filha; ao depois não se queixe.

ESOPO (*à parte*)

E ela não tem maus bigodes!

PERIANDRO

Ora, Esopo, conta-nos alguma coisa da tua vida, que há de ser célebre.

ESOPO

Senhor, a minha vida é mais larga que comprida.

EURÍPEDES

Dize, Esopo; dize alguma coisa.

ESOPO

Ora vá de história. Gerou-me meu pai, e foi coisa para ver que, tanto que meu pai me gerou, logo minha mãe se sentiu prenhe e ficou tão soberba, que tudo enjoava; engordou tanto, que em nove meses se fez como uma bola; enfim, se não pare, arrebenta; deram-lhe as dores, e ao primeiro puxo saiu este criado de vossa mercê, e logo fui tão cortês, que caí prostrado aos pés de minha mãe; pois só a esta devia pagar as páreas; porque não falta quem diga que minha mãe me pariu de um só parto, podendo-me parir de dois, que eu tinha corpo para tudo; e é de advertir que naquele tempo as mulheres eram as que pariam, e não como agora, que pare quem quer. Notou-se no meu nascimento que eu nascera Benfeitor nu e em pele; e, como nascia para ser escravo, logo se me viu o ferrado. Tanto que eu nasci, como minha mãe era muito amante dos filhos, logo me mandou enjeitar. Enfim, fui crescendo aos palmos e, apenas tinha

sete anos, logo comecei falar tão perfeitamente, que não se me entendia palavra. Toda a minha vida foi sempre prodigiosa; de sorte que já anda em livros por todo o Mundo; e agora me dizem que se está representando no Bairro Alto.

PERIANDRO

Notável é a tua vida!

XANTO

Esopo, aqui te entrego esta casa e te faço meu mordomo.

EURÍPEDES

Vamos, Filena.

FILENA

Periandro, logo falaremos; não te ausentes. (*Vai-se*)

PERIANDRO

Aqui ficarei esperando por esse Sol que me anima. Ai, amor, quando hás de favorecer a um amante das tuas aras, que, nos suspiros que exala, acende as chamas nos sacrifícios que vota?

(*Sai Filena*)

FILENA

Periandro, seguramente podemos falar, pois todos lá ficam dentro rindo-se com Esopo, que sem dúvida amor o trouxe aqui, para que seja o terceiro de nossos amores.

PERIANDRO

Essa fortuna devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondência; e, porque agora falamos de amor, escuta, Filena, a frase das melhores expressões.

SONETO

Minha amada, Filena, doce emprego,

de amorosos enleios labirinto,
São tais a ânsias que amoroso sinto,
Que sem morrer mil vezes não sossego.

Em mar de pranto, mísero navego.
Quando amante, naufrago; porém minto,
Porque eu mesmo o martírio já consinto,
Pois busco as pernas morto, as luzes cego.

Oh, morra já minha alma enternecida!
Oh, viva alegre nessa luz serena!
Contente aspiro tão ditosa lida;

Pois consegue esta dor, que me condena,
Um triunfo a teus olhos cada vida,
Cada morte uma glória à minha pena.

FILENA

Periandro, as tuas finezas, por encarecidas, me parecem mais
lisonjas que realidades; e assim, apelo para o tempo, que só este será
o fiador da tua constância; porque, sendo tu firme, eu não deixarei
de ser leal.

PERIANDRO

Formosa Filena, ainda duvidas da minha lealdade? Não tens lido
nos caracteres de meus suspiros as firmezas do meu amor? Não vêes
no espelho das minhas lágrimas a imagem dos meus extremos? Pois
seguro-te, meu bem, que, apesar de tudo, hei de ser sempre firme,
constante e leal.

(Canta Periandro a seguinte ária)

Primeiro verás, Filena,
Enregelar-se o fogo,
Mover-se o duro monte,
Cair esse horizonte
Que em meu amante rogo

Se encontre o variar.

Se, pois, amor ordena
Que adore essa beleza,
Será minha firmeza
Eterna em te adorar.

(Vai-se)

FILENA
Escuta, Periandro; meu bem, aonde vás?

(Sai Esopo)

ESOPO
Que hei de escutar? Que é o que diz?

FILENA
Ai! És tu, Esopo? A bom tempo vieste.

ESOPO
Sim; vim a bom tempo; mas eu lhe empatei o cozimento.

FILENA
Meu Esopo, tenho um favor que e pedir; se o fazes, terás de mim quanto quiseres.

ESOPO *(à parte)*
Diga, diga; não gaste tempo, que pode vir seu pai. Eu assim tolamente lhe vou querendo bem.

FILENA
Bem sabes, Esopo, que não há peito tão isento, que não sinta a violências do amor.

ESOPO
Que mais?

FILENA

Isto suposto, saberás que quero bem... não sei como te diga.

ESOPO (*à parte*)

Eu estou vendo que ela se namorou de mim e tem pejo de mo dizer.

FILENA

Porque bem sabes, Esopo, que o amor é cego e em nada repara.

ESOPO

Que mais claro mo há de dizer? Pobrezinha não sabe como se explique; ora eu a ajudarei a dizer: Senhora, bem sei que o amor é cego e é monstro e que para cativar as almas, como cego, não repara em qualidades, e como monstro, não se lha dá de perfeições. Quer vossa mercê dizer que, apenas me viu, logo se rendeu, e que estala de amor por mim. Se é isso, esteja descansada, que lhe quero também muito, muito.

FILENA

Sempre estás com gracinhas; pois logo em ti havia empregar o meu amor?

ESOPO

Olhe vossa mercê, pois achava eu que não era nenhum despropósito; porque me tinha logo aqui à mão dentro de casa, sem o ir buscar à rua.

FILENA

Eu quero bem a Periandro; e, como lhe não posso falar as vezes que quero, tu hás de ser o medianeiro da nossa correspondência.

ESOPO

Isso, por outra frase, vem a ser alcoviteiro. Não é nada!

FILENA

Pois que dizes?

ESOPO

Senhora, em mim está mal o ofício de camaleão; isso não se acha em mim.

FILENA

Meu Esopo, olha que to hei de agradecer, e Periandro também.

ESOPO

Senhora, tudo se pode fazer, sem que perigue o meu crédito e o seu amor, e poderemos ambos ficar bem.

FILENA

De que sorte?

ESOPO

Desta sorte: eu o que poderei fazer é levar-lhe algum recado ao senhor Periandro, ou escrever-lhe alguma carta em seu nome, e fazer tudo o que vossa mercê me mandar; mas ser alcoviteiro, isso por nenhum modo.

FILENA

Aceito o favor que me fazes.

ESOPO

Ah, tirana! Não basta comer-me o amor, mas ainda me esfregas com zelos? Pois por vida de Esopo, que...

FILENA

Quero, pois, Esopo, que digas a Periandro que ao pôr do sol...

(Sai Xanto)

XANTO

Que fazes aí, Esopo?

ESOPO

Estava para dar lição à menina, e ela não queria.

FILENA (*à parte*)

Bem remediou.

XANTO

Isso tem tempo. Filena, vai para dentro.

FILENA (*à parte*)

Que não pudesse dizer a Esopo o recado para Periandro! Ao depois lho direi. (*Vai-se*)

XANTO

Esopo, és capaz de guardar um segredo?

ESOPO

Conforme a parte aonde eu o puser.

XANTO

Bem sabes que sou teu senhor e que, se me fores leal, terás a liberdade; e assim saberás que eu sou frágil.

ESOPO

Isso sei eu; diga o mais.

XANTO

E quem em matérias de amor todos são loucos; porque amor tem duas vendas: uma nos olhos, outra no entendimento.

ESOPO

Rico amor será esse com duas vendas.

XANTO

Com que, não sei que diabo de feitiços me fez esta criada, para eu lhe querer bem.

ESOPO

Ora tenha vergonha: um filósofo namorado de uma trapalhona e mondongueira! Em que consiste a sua filosofia? Visto isso, todos somos uns?

XANTO

Olha tu; também o amor é filosofia das almas, aonde com argumentos de finezas se prova o sistema da constância.

ESOPO

Visto isso, eu também sou filósofo; pois, quando quero bem, logo é a concluir.

XANTO

Quem duvida que, e tens amor, que também és filósofo?

ESOPO

Ora acabe com isso, que eu de mim para mim me tinha por filósofo; mas não o queria dizer com vergonha.

XANTO

Com que, Esopo, eu morro por Geringonça.

ESOPO

Quem é Geringonça?

XANTO

É esta criada de casa.

ESOPO

Olhe vossa mercê; agora sei que tem bom gosto; pois só o nome de Geringonça lhe basta para se querer; o certo é que todo o amor é geringonça.

XANTO

Dizes bem; porém, como minha mulher Eurípedes tem horrível condição e não sei se já presume alguma coisa, é-me preciso tratar isto com mais cautela; e assim tu hás de ser o meu remédio.

ESOPO

Purgativo, ou vomitório?

XANTO

Purgativo não, há de ser vomitório; que lhe há de dizer que à noite me fale no jardim, e entanto tu ficarás divertindo a tua senhora.

ESOPO

Senhor, isto ninguém tal faz, sevandijar vossa mercê um jardim com uma criada; e então aonde havia vossa mercê falar a uma senhora?

XANTO

Não vêes tu que a necessidade não tem lei, por amor dessa necessidade fale-se à criada em uma secreta, que é parte privada.

XANTO

Ora deixa disparates; isto te encomendo lhe digas. Olha não o saiba viva alma.

ESOPO

Eu lhe prometo que ninguém o saiba.

XANTO

Mas ela aí vem; eu me retiro, por me não achar aqui minha mulher, e dize-lhe tu o que te disse. Esopo, segredo, que importa. *(Retira-se)*

(Sai Geringonça)

GERINGONÇA

É possível, Esopo, que ainda não tiveste uma hora para me falares?

ESOPO

É possível, Geringonça, que ainda não tiveste uma hora para me falares?

GERINGONÇA

Esopo, ouve-nos alguém, que te quero comunicar um segredo?

ESOPO (*à parte*)

Ui, senhores! Eu cuido que estou preso nesta casa; pois sempre estou em segredo.

GERINGONÇA

Dize: posso falar?

ESOPO

Se não tens estupor na língua, bem podes falar.

GERINGONÇA

Pois sabe que, apenas te vi, quando logo me furtaste o coração, me roubaste as potências e me ganhaste a liberdade.

ESOPO

Daqui a pôr-me na forca não vai anda. Mulher, eu furte-te alguma coisa?

GERINGONÇA

Ah, ladrão de almas!

ESOPO

Ladrão de almas?! Eu nunca andei com a bacia.

XANTO (*à parte*)

Não é nada; a moça namorou-se de Esopo!

GERINGONÇA

Esopo, eu perdida por ti de amor! Como há de ser isto?

ESOPO

Se estás perdida de amor, perde também as esperanças. Mas diz-me, mulher do diabo: que achaste em mim para me queres bem? Namorou-te este feitio?

GERINGONÇA

O meu amor tem mais de peso, que de feito.

ESOPO

Namorou-te esta calva?

GERINGONÇA

Não vês que a ocasião é calva, e tu foste a ocasião do meu amor?

ESOPO

E estas pernas zambras são também ocasião de tu me queres bem?

GERINGONÇA

Foram os arcos por onde o amor despediu as setas.

ESOPO

Tudo está muito bem; mas parece-te bem esta corcova?

GERINGONÇA

Essa corcova foi o monte de Vênus aonde achei a minha *buena dicha*. Mas para que te cansas, se para o meu gosto és um Adônis e com este Narciso!

GERINGONÇA

Ora, Esopo, para que te cansas? Quem o feio ama, formoso lhe parece. (*Conta Geringonça a seguinte ária*)

Tens tal dengue, tens tal graça,
Que assim mesmo corcovado,
Escalvado,
Arrenegando,
Me namora esse rigor.

Ai, amor, que linda traça
Para me render, achaste,
Nargudo,
Barrigudo,

Tenho posto o meu amor.

ESOPO

Mulher, requeiro-te, da parte de Deus, que, em me quererem bem, não sabes o que fazes. Vai-te daí, que quem se namora de mim é capaz de se namorar de um burro.

GERINGONÇA

Tu me desprezas? Olhem a que chegaram os meus pecados! Vejam quem! Um calvo!

ESOPO

Qual calvo! Não vês que esta calva foi a ocasião do teu amor?

GERINGONÇA

Tu me desdenhas, zambro?

ESOPO

Agora zambro! São os arcos, por onde amor despediu as setas...

GERINGONÇA

Tu mo pagarás, corcovado.

ESOPO

Isto não é corcova, é o monte de Vênus.

GERINGONÇA

Vai-te daí, cão com trambolho. (*Vai-se*)

ESOPO

Vai-te, cadela com almorreimas.

Sai Xanto

XANTO

Escravo desafortunado, por que não disseste o que mandei dizer a Geringonça?

ESOPO

Como o havia de dizer, se vossa mercê me disse o que não soubesse alma viva?

XANTO

Isso não se entendia com Geringonça.

ESOPO

Tenha mão: agora o colho. Vossa mercê me disse que o não soubesse alma viva; *átqui*, que Geringonça é alma viva; ergo, Geringonça por ser viva alma o não havia saber.

XANTO

Não te quisera tão filósofo agora.

ESOPO

Como vossa mercê me disse que amor era filosofia, quis tomar bem lição.

XANTO

Tal estou de raiva, que te mataria agora. Não te aconteça outra; quando te mandar fazer alguma coisa, faze-a como te mando.

ESOPO

Eu o farei.

XANTO

Andar; não tem remédio. Ouves tu? Amanhã tenho de dar um banquete aos meus discípulos, e te encomendo me ponhas na mesa a melhor coisa do mundo.

ESOPO

Encomende-me coisas de comer, que disso eu melhor conta. (*Vai-se*)

CENA III

Mutação de sala, e sairão Periandro e Ênio.

PERIANDRO

Ênio, vós também sois convidado para o banquete de Xanto, nosso Mestre?

ÊNIO

Os favores particulares, Periandro, serão só para vocês; porém os públicos serão para todos.

PERIANDRO

Eu não vos entendo.

ÊNIO

Homem, vós quereis tapar o céu com uma joeira? Pois bem público é que vós andais namorado de Dilena; e, sendo eu vosso amigo e discípulo, recatais de mim coisa que é tanto do vosso gosto?

PERIANDRO

Não me crimineis de não vos ter revelado este negócio, pois bem sabeis que o segredo é alma do amor; e tanto o desejo recatar, que tomara de mim mesmo encobri-lo. É verdade que eu amo a Filena, porque a sua formosura pode cativar o mais livre alvedrio; mas com amor tão lícito, que não passa os limites da modéstia.

ÊNIO

Como lhe podeis falar, tendo uma mãe de tão terrível condição?

PERIANDRO

Quis a formatura trazer para isso a Esopo, que é ao mais fino alcoviteiro do mundo.

ÊNIO

Ui! Tem mais essa habilidade?

PERIANDRO

É juiz do ofício e padre-mestre na matéria.

Sai Esopo.

ESOPO

Vossas mercês vieram a conversar, ou a comer? Ora vamos, que a sopa está esperando.

ÊNIO

Vamos ver os teus cozinhados. (*Vai-se*)

PERIANDRO

Esopo, que novas me dás de meu bem?

ESOPO

A boas horas me pergunta pelo meu bem, ao mesmo tempo que me está a boca do estômago gritando que quer comer.

PERIANDRO

Pois fala-me ao depois. (*Vai-se*)

Descobre-se uma mesa e se irão assentando a ela Xanto, Ênio e Periandro e os mais que puderem

XANTO

Vamo-nos assentando sem cerimônia, que nos banquetes não. Há meses, nem discípulos. Mandeí a Esopo que me pudesse nesta mesa a melhor coisa do mundo; veremos com que ele se desempenha.

PERIANDRO

Com alguma parvoíce. Se vossa mercê se fiou da sua eleição, ficaremos em jejum.

ÊNIO

Vamos nós comendo o que está na mesa, pelo sim, pelo não, que ele já tarda.

(*Sai Esopo com um prato*)

ESOPO

Eis aqui a melhor coisa do mundo.

XANTO

Descobre, e veremos.

ESOPO

É um prato de línguas.

XANTO

Um prato de línguas? Como? Pois isso é a melhor coisa do mundo?

ESOPO

Qual é a dúvida que a melhor coisa do mundo é a língua? Que coisa mais necessária no homem que a língua? Sem língua, ninguém pode falar; sem falar, ninguém se entende. A língua é alma dos conceitos, é o corretor dos comércios, é a taramela das portas da boca, é prancha dos comeres, é o esgaravador das gengivas, é a zagaratoa dos beijos, o planeta do céu da boca, e o badalo da campainha. Com a língua se lambe um prato; com a língua faz o arrieiro a célebre cantiga, etc. Enfim, a língua do cão é o melhor remédio das chagas, e o linguado o melhor peixe dos mares. Não sei que mais queria dizer, que o tinha debaixo da língua.

XANTO

Nada nos dizes de novo, que bem sabemos que a língua é o oráculo do homem; porém, havemos só comer línguas?

ESOPO

Senhor, muitos comem do que falam.

PERIANDRO

Esopo fez o que lhe mandaram, como bom servo.

XANTO

Uma vez que a melhor coisa do mundo são as línguas, traze-me agora aqui a pior coisa do mundo.

ESOPO

Com muito gosto; e venho já. (*Vai-se*)

PERIANDRO

É lástima que seja cativo quem tem tão livre o juízo para discorrer.

ÊNIO

Não é essa a primeira sem-razão da natureza.

XANTO

Que diabo fazes, Esopo?

ESOPO

Eis aqui a pior coisa do Mundo. (*Sai*)

XANTO

Que é isso que trazes?

ESOPO

Outro prato de línguas.

XANTO

Mais como?! Se a melhor coisa do mundo são as línguas, como agora as línguas são as piores coisas do mundo?

ESOPO

É filósofo, e não sabe que, sendo uma língua boa a melhor coisa do mundo, a pior é uma língua má? Uma língua má e estrago da honra; ela é a mãe dos mexericos, o pai dos enredos, a irmã das discórdias, a perturbadora da paz, o clarim da guerra, a sarna do sossego, a carepa das consciências, o despertador das vinganças e o instrumento da alcovitice. Não é assim, senhor Xanto?

XANTO

Dize bem; eu te perdoo a peça; e, pois há outro remédio, vamos comendo essas línguas e bebendo duas pingas. Ora lá vai à saúde de vossas mercês! *(Bebe)*

ESOPO

Isso me parece bem; acendam-se no templo da barriga as lâmpadas de Baco.

PERIANDRO

Lá vai à saúde da senhora Eurípedes. *(Bebe)*

ESOPO

Tem razão; vá a virar.

ÊNIO

Periandro, lá vai; já me entendeis. *(Bebe)*

PERIANDRO

Vá, eu correspondo. *(Bebe)*

ESOPO

Eu com esta garrafa irei fazendo as razões. Lá vai, ou cá vem à saúde dos meus achaques. *(Bebe)*

XANTO

Que achaques tem?

ESOPO

Agora tenho gota.

PERIANDRO

ÊNIO

Ênio, nosso Mestre não está todo trigo.

XANTO

Mui valente foi Hércules Tebano! Esopo, vamos queimar estes cães.

ESOPO

Ai, ai, que está puxando!

PERIANDRO

Apostemos nós que vossa mercê não há de beber um tonel de vinho?

XANTO

Sou capaz de beber o mar; tenho dito.

ESOPO

Não zombem com ele, que não só beberá o mar, mas tudo quanto se lança na praia.

PERIANDRO

Ora quanto aposta vossa mercê, que não bebe o mar?

XANTO

Aposto tudo quanto possuo.

PERIANDRO

Está apostado; venha sinal.

XANTO

Este anel.

PERIANDRO

Está feito; quando há de ser isso?

XANTO

Quanto quiseres.

ESOPO

Vão falando, que eu vou bebendo.

XANTO

Esopo, leva essa língua a Geringonça, que com ela lhe explico o meu amor.

ESOPO

Assim o farei. Esopo, hoje podes beber francamente.

XANTO

Viva Baco, e morra o mundo!

(Levantam-se)

ESOPO

Morra o mundo, e abra-se Troia.

PERIANDRO

Ambos estão mui bêbados.

ÊNIO

Estou envergonhado de ver esta lástima! Nisto param os banquetes!

ESOPO

Estou tão alegre, que o corpo me pede folia.

XANTO

E a mim cóleras e iras, e parece-me que ouço instrumentos bélicos.

ESOPO

Eu cuido que são bandurras; elas são, não são? Sim, são; escute, escute; são, são, elas são; pois cantemos. *(Canta Esopo o seguinte)*

(Recitado)

Lá vai à saúde dos senhores,
E em suaves licores
Matarei a cruel melancolia,
Em doce hidropisia.
Apesar do pesar e do cuidado,

Vestir quero a minha alma de encarnado.

(Ária)

Nas guerras de Baco,
Sem o chuço ou baioneta,
Com esta trombeta
Toco a degolar, tan, taran, tan, tan,
Tudo terá fim, tirim, torom, tom, tom,
Tudo terá fim, tirim, tim, tim,
Prostrando as cavernas
De tantas tavernas,
Por que delas possa
Banco triunfar.

CENA IV

Mutação de Câmera. Saem Eurípedes e Geringonça.

EURÍPEDES

Geringonça, que fizeste até agora?

GERINGONÇA

Estive na cozinha dando ordem ao banquete; e o negro Esopo me deu tanta pressa, que andei atarantada.

ESOPO

O Diabo levara os banquetes! Que há de ser, se o tanto de meu marido deu-lhe hoje na birra fazer bródios nisso tem consumido o dote que me deu meu pai?

GERINGONÇA

Ai, senhora, também vossa mercê agora não tem razão. Ele que gasta, nem que bródios faz? Eu, há um ano que aqui estou, não vejo entrar nessa casa mais que chicharros e nabos.

ESOPO

Ó desavergonhada, esta é a fama que deitas da minha casa?! Viste casa mais farta? Ainda a semana passada comprei dez réis de pepinos e já não há nenhum.

GERINGONÇA

A minha barriga o sente.

EURÍPEDES

Bem sei que o teu mal não é outro, velhaca.

ESOPO

Aqui tens, Geringonça, este prato e línguas, que te manda meu senhor, e mais que não pode comer sem ti.

ESOPO

Que dizes? A Geringonça, ou a mim? Estás bêbado?

ESOPO

Como lhe hei de dizer? Soletrando? A Geringonça em Geringonça.

GERINGONÇA

Senhora, ele cheira muito a vinho; não sabe o que diz.

EURÍPEDES

Assim o creio; mostra, que é para mim.

ESOPO

é uma bala; é para Geringonça que meu senhor lhe manda mesmo a ela; e por sinal me disse lhe dissesse, que com esta língua explicava o seu amor.

GERINGONÇA

Não te calarás, infame?

ESOPO

Tira-me tu a língua, que eu me calarei.

ESOPO

Pois que tem teu senhor com Geringonça, para lhe mandar presentinhos?

ESOPO

Eu, senhora, não sei; mas o que sei é que dizem as más línguas que meu senhor é barregão ou barregana, não sendo senão camelão.

EURÍPEDES

Não te entendo.

ESOPO

Senhora, mais claro: meu senhor quer-se fazer moço com a moça.

EURÍPEDES

Já te entendo.

ESOPO

Ora graças a Deus, que já me entendeu!

ESOPO

Eu estou tonta!

EURÍPEDES

É bem feito isto, atrevida? Tu desinquietando-me o meu homem! Há maior desaforo!

GERINGONÇA

Eu, senhora?! Não há tal. Esopo mente.

ESOPO

Lá se avenham, que eu me vou escafedendo. (*Vai-se*)

EURÍPEDES

Ó perra, tu me dás zelos? Anda cá, que te hei de moer. (*Dá-lhe*)

GERINGONÇA

À que del-Rei, que me mordeu no nariz!

EURÍPEDES

Aqui te hei de fazer em picado com os dentes.

GERINGONÇA

Ai, que me matam!

(Há uma bulha, e sai Xanto)

XANTO

Valha-te Deus, mulher! Sempre hás de guerrear com esta coitadinha?

EURÍPEDES

Ainda acode por ela, magano, atrevido, sem honra, nem vergonha? Você namorando-me a moça?! Você mandando-lhe pratinhos da mesa?!

XANTO

Quem tal disse, mulher:

EURÍPEDES

Quem o disse? Ainda há de negar que o mandou por Esopo? Ora chame-o e verá.

XANTO

Ó Esopo? Esopo?

Dentro de ESOPO

Estou na tinta; assim sou eu asno, que apareça agora!

XANTO

Não me ouves, Esopo? Ó Esopo?

ESOPO

Estou zingando.

XANTO

Ora eu te irei buscar, mais que estejas no inferno. Donde estás, maldito?

ESOPO

Se eu quisera dizê-lo, então não me escondera.

XANTO

Anda para cá, insolente; que fazias aí escondido?

ESOPO

Estava jogando a escondidas; também a gente há de brincar! (*Sai*)

XANTO

Ei-lo aqui. Ora dize: eu mandei a Geringonça algumas línguas?

EURÍPEDES

Tu não disseste?

ESOPO

Senhor, eu não quero meter a mão entre duas pedras. Olhem, por isso eu sou inimigo de enredos.

EURÍPEDES

Tu não mo disseste?

ESOPO

Senhora, eu que tenho com isso? Está galante! Vossas mercês lá brigam, lá tem seus ciúmes, e eu então é que hei de pagá-lo?

EURÍPEDES

Como é isso?! Tu não o negues; basta, fique com a sua mocinha, senhor Xanto, que eu me vou para casa de meu pai. (*À parte*) Estou ardendo!

XANTO

Senhora, não se vá de casa, por sua vida.

ESOPO

Deixe-a ir, que é uma boca menos em casa.

EURÍPEDES

Por estas, birbantão, que eu me verei vingada.

XANTO

Fale bem, aliás...

EURÍPEDES

Ainda me indignas mais? Hei de arrancar-te essas barbas.

(Cantam Eurípedes e Xanto a seguinte: ária a duo)

EURÍPEDES

Velho caduco!

XANTO

Bravo insolente!

EURÍPEDES

Tu com desvelos com uma michela!

XANTO

Cala-te, serpente; não grites mais.

EURÍPEDES

Hei de gritar.

XANTO

Queres-te calar?

EURÍPEDES

A que del-Rei, que meu marido com torpes zelos me quer matar!

XANTO

Cala-te, serpente; não cuide a gente que faço tal.

EURÍPEDES

Por estas, velhaquete, que me hei de ver vingada.

XANTO

Ó louca arrebatada, que me hás de tu fazer?

EURÍPEDES

Hei de me ir para casa de meu pai.

XANTO

Para casa te irás de Satanás.

(Vai-se Eurípedes)

ESOPO

E foi-se como um foguete de rabo; porém eu hei de levar os estouros.

XANTO

Agora, Esopo, que mereces tu que te eu faça?

ESOPO

Mereço um bom prêmio.

XANTO

O prêmio há de ser este; toma, velhaco. *(Dá-lhe)*

ESOPO

Não aceito; tire-se para lá!

XANTO

Vês, infame, que por amor de ti se foi minha mulher de casa?

ESOPO

Senhor, cuidava eu que vossa mercê me havia de agradecer o afugentar-lhe de casa um dragão, uma víbora e um basilisco, que era aqui o veneno desta casa; e sobre fazer-lhe este bem, ainda vossa mercê se agasta? Esopo, se não, veja: é certo que vossa mercê queria falar a Geringonça no jardim esta noite; e que melhor ocasião podia vossa mercê Ter do quê, indo-se de casa a senhora, sua mulher?

ESOPO

Pior será, quando vossa mercê perder tudo quanto possui.

XANTO

De que sorte?

ESOPO

De que sorte?! Não se lembra que prometeu no banquete beber o mar, e, se o não fizesse, que perderia toda a sua fazenda?

XANTO

Eu disse tal coisa?

ESOPO

E por sinal que deu o seu anel; com que vossa mercê há de beber o mar, ou livrar toda a sua fazenda?

XANTO

Mal haja o banquete e mal haja o vinho, e mal haja eu, que me embebedei!

ESOPO

Vossa mercê cuida que todos sabem embebedar-se? Ora aqui estou eu, que também me embolquei, mas com tanta prudência, que não me meti a apostar, nem a não apostar.

XANTO

Já não tem remédio; o ponto está, como me hei de eu haver; porque confessar que estava bêbado é injúria e grande ignomínia; beber o

mar é impossível; perder os meus bens impraticável. Que farei neste caso, Esopo?

ESOPO

Matar-se com um pouco de veneno, e com isto se acaba tudo.

XANTO

Ó Júpiter, para quando guardais os rios?

ESOPO

Há de dizer isso a Baco, e não a Júpiter.

XANTO

Meu Esopo, agora é que eu quero ver as tuas habilidades; se tu me livras deste empenho, eu te dou a liberdade.

ESOPO

Pois, senhor, para quando são as suas filosofias? Assentemos nós que a filosofia não serve senão para argumentar e quebrar a cabeça.

XANTO

Pois, homem, para esta ocasião é que eu quero que me valhas; tens a liberdade, já to disse.

ESOPO

Promete-me a liberdade?! Veja lá o que diz!

XANTO

Prometo.

ESOPO

Levante o dedo para o ar.

XANTO

Não só o dedo, mas toda a mão.

ESOPO

Ora, pois, ande comigo, que o tirarei desse mar, e o porei em porto salvo.

XANTO

Vê lá o que dizes!

ESOPO

Ande; ande, que mal sabe com quem vai. (*Vão-se*)

CENA V

Mutação de mar. Depois de se dizer dentro o que se segue, sairão Periandro, Ênio e o mais que puderem.

DENTRO

Vamos ver a Xanto beber o mar.

OUTRO

Vamos a praia; andem depressa, para tomarmos lugar.

(Saem Periandro e Ênio)

PERIANDRO

Confesso-vos, Ênio, que já estou arrependido da aposta; porque bem sei que Xanto não há de beber o mar.

ÊNIO

Deixai, que isso é bom para se dar um alegrão ao povo.

PERIANDRO

A gente vem concorrendo cada vez mais.

(Saem Filena e Geringonça com os rostos cobertos)

GERINGONÇA

Senhora, aí o que está de gente, para ver as habilidades do senhor seu pai!

FILENA

O caso é, Geringonça, que meu pai está mui caduco, e Esopo ainda mais tonto do que é. Vês tu a asneira de dizer que há de beber o mar!

GERINGONÇA

Lá está Periandro e Ênio.

FILENA

Já os vi. Tem sentido e não os percas de vista.

GERINGONÇA

E se nos conhecerem aqui?

FILENA

É impossível entre tanta multidão de gente; e mais vindo nós disfarçados.

PERIANDRO

Muito tarda este bebedor dos mares!

(Saem Xanto e Esopo, e todos darão muitos gritos e risadas)

TODOS

Vítor, lá vem o bebedor dos mares!

ESOPO

De que se riem? De que fazem algazaras? Pois saibam que o senhor Xanto não só é capaz de beber.

XANTO

Esopo, que é o que determinas fazer? Não vês este povo alvoroçado, e o meu crédito em balanças?

ESOPO

Eu serei o fiel dessas balanças; e verá quanto pesa o meu talento.

PERIANDRO

Senhor Xanto, por vossa mercê se esperava; vamos a isto.

XANTO

Esopo, e agora que hei de dizer?

ESOPO

Valha-o mil diabos! Não tema; tenha valor! Moradores de Atenas, o senhor Xanto, meu senhor, aqui vem para beber os mares, como apostou; e assim, primeiro que o faça, quer desencarregar a sua consciência; pois, bebendo o mar, como com o favor de Deus o há de fazer, porque tem barriga para tudo, eis que, bebido o mar, por força o há de urinar, e, urinando-o, há de alagar toda esta terra, e morrerão todos afogados.

PERIANDRO

Para tudo há remédio. Depois que Xanto beber o mar, torne a uriná-lo na mesma praia, e irá o mar para o seu mesmo lugar.

XANTO

Está bem; e se os peixes me entrarem pela goela, como há de ser isso?

ESOPO

Não diga asneiras; pois para não engolir os peixes, podia beber o mar por um funil. Essa não é a dúvida; o caso é que prometeu beber o senhor Xanto.

PERIANDRO

Prometeu beber o mar.

ESOPO

Pois bem; como a aposta foi de beber o mar somente, mandem fechar todos os rios vão dar ao mar; porque de outra sorte beberá, não só a água do mar, mas também a dos rios, o que não é da aposta.

ESOPO

Se vossas mercês não podem fazer um outro impossível.

ÊNIO

Tem razão Esopo.

XANTO

Fechem os rios, e eu beberei o mar, para que estou pronto.

PERIANDRO

Isso é impossível: desfaçamos a aposta.

XANTO

Desfaçamos.

TODOS

Victor Xanto!

OUTRO

Victor Esopo!

ESOPO

Victor eu, e victor amigos!

XANTO

Anda, que te quero um tabelião para passar-me a carta deste empenho. (*Vai-se*)

ESOPO

Vamos a casa de um tabelião para passar-me a carta de alforria. Vou tão contente! (*Vai-se*)

FILENA

Ó Geringonça, não te descubras, que aí vem Periandro chegando-se para nós.

GERINGONÇA

Dize bem; vejamos o que faz.

PERIANDRO

Senhoras, querem um criado para as acompanhar? Não lhe merece reposta o meu rendimento? Só com acenos me dizem que não. Valha-me Deus, eu estou perdido pelo brio desta moça! Hei de segui-la. Não te vás, formosa Vênus, que sem dúvida nasceste agora das escumas desse mar, para abrasar os corações. Se como a deidade te adoro, não desprezes as vítimas de um coração; descobre esse rostinho, que como Sol se quer nublar nessa importuna nuvem. Não importa que me cegues com raios, se amor já me cegou com delícias.

FILENA

Uma vez que queres que em descubra, aqui me tens.

GERINGONÇA

E a mim também.

(Descobrem-se)

PERIANDRO

Que é que vejo? Estou corrido! Cuidavas, Filena, que te havias de ir, sem que me falasses?

FILENA

Queres agora dizer que saibas que era eu, falso, ingrato, inconstante?! Esses são os teus extremos? Essas as tuas finezas? Tão depressa te mudaste?

PERIANDRO

Filena, não tens razão; eu bem sabia que eras tu; mas, como estavas galanteando comigo, eu também quis fingir que não te conhecia, sòmente para te ouvir; e, quando isto não fora, aí verás que, quando cheguei a amar, sempre foi a ti, e não sei que simpático influxo me arrebatava o coração, que te estava querendo.

FILENA

Sempre me ofendeste na imaginação de que era outra.

PERIANDRO

Meu bem, meu amor, nem por pensamento te ofendi; e, se acaso me não crês, deixa-me sepultar nesse mar, que só assim verás que mais quero a morte, que viver nos desagrados de teus olhos.

FILENA

Tem mão, que eu não quero finezas mortas; deixa-me, Periandro; deixa-me lamentar as tuas falsidades ao som da minha mágoa.

(Canta a seguinte ária)

Nesse líquido elemento,
Apesar de meu tormento,
Vejo, ó falso, o teu retrato,
Pois que tanto se parece
Na inconstância a esse mar.
Donde está, tirano ingrato,
A constância, que dizias?
Donde a fé, que prometias?
Pois não sabes ser amante,
Por mudável, inconstante,
Leve o mar o teu amor.

(Vai-se)

PERIANDRO

Espera, Filena; não te vás com tanta celeridade; porém hei de seguir-te, apesar da tua ligeireza; que, se amor te formou das penas asas, também saberei fazer dessas asas penas. Geringonça, detém a Filena.

GERINGONÇA

Fez muito bem. Vocês são falsos, e se querem dourar? Pois sofram estes desprezos. *(Vai-se)*

CENA VI

Praça. Mutação de noite, e sai Esopo.

ESOPO

Com a turbamulta da gente me perdi de meu senhor Xanto, e isto é já noite. Aonde acharei a este maldito? Estará em alguma taverna? Pois aqui mora um tabelião, e de nota, que sabe fazer bem as cartas de alforria. Ele aqui há de vir, que este é o tabelião da casa. Ora graças a Deus, que já não serei singelo, senão forro, e eu forrado poderei com mais liberdade dizer a Filena o meu amor; pois tenho o demo da bugia presa no cepo do meu coração, e eu lhe farei tais monarias, que ela saiba onde a bugia tem o rabo. Porém lá vem quem quer que  .

(Saem Messênio e guardas)

MESSÊNIO

Quem vem aí?

ESOPO

Eu, senhor, não vou; venho.

MESSÊNIO

De onde vem?

ESOPO

Eu venho da geração de meu pai, por ascendência.

MESSÊNIO

Que armas traz?

ESOPO

Ainda o rei-de-armas me abriu as minhas.

MESSÊNIO

Você faz-se tolo? Busquem-nos aí, a ver se leva alguma faca.

ESOPO

Senhores, se eu venho a pé, como hei de trazer faca?

MESSÊNIO

Busquem-no bem.

PRIMEIRO HOMEM

Aqui tem uma coisa na algibeira.

MULHER

O que é?

ESOPO

Isso é um corno, que trago aqui por amor do quebranto. Ui, senhores! Vossas mercês querem buscar lá por de trás?

SEGUNDO HOMEM

Sim, para ver se traz algum ferro lá escondido.

ESOPO

À que del-Rei, senhores! As minhas nádegas não são de contrabando. Busquem embora, que aí não há ferro; ferrado sim.

MESSÊNIO

Que trouxa é essa, que traz aí nas costas? Tirem-lha fora, e vejamos.

ESOPO

Se vossas mercês ma tirarem, digo que são valentes.

PRIMEIRO HOMEM

Ela está atada de sorte, que a não posso tirar.

MESSÊNIO

Que é isso que levas aí?

ESOPO

Não é nada; é uma corcova, para servir a vossas mercês.

MESSÊNIO

Apostemos que és Esopo?

ESOPO

Com que só Esopo é corcovado?

MESSÊNIO

Dize: para onde vás?

ESOPO

Eu não sei para onde vou.

MESSÊNIO

Assim responde à Justiça? Levam-no preso.

ESOPO

Vejam vossas mercês se disse eu bem, que não sabia para onde ia; pois na verdade que eu não sabia que ia para a cadeia.

(Sai Xanto)

XANTO

Donde se esconderia este Esopo, que tenho andado quebrando os narizes, sem poder topar com ele? Ali está a Justiça. Vou-me retirando.

MESSÊNIO

Quem vem lá?

XANTO

Amigos.

MESSÊNIO

Que amigos?

XANTO

Sou Xanto, filósofo.

MESSÊNIO

Senhor Xanto, veio vossa mercê a boas horas.

ESOPO

As boas horas veio vossa mercê, às avessas.

XANTO

Senhor Messênio, que fez Esopo, pois o tem preso?

MESSÊNIO

Por não falar com cortesia à Justiça.

XANTO

Vossa mercê, senhor Messênio, por quem é, há de soltar a Esopo; pois bem sabe que é bobo e chacorreiro; e, se alguma coisa respondeu, seria por graça.

MESSÊNIO

Bastava ser coisa de vossa mercê para o soltar. Soltem a Esopo!

ESOPO

Pô, Diabo, como fede! Os esbirros deviam soltar algum preso.

XANTO

Vossa mercê viva mil anos, senhor Messênio, pela garantia que em fez de soltar a Esopo.

ESOPO

Vossa mercê viva mil anos, pela galantaria que me fez em prender-me.

MESSÊNIO

Vamos correndo o bairro.

(Vão-se)

ESOPO

Ora, senhor, aqui mora um tabelião; vamos, para me fazer a carta de alforria.

XANTO

Qual a alforria?

ESOPO

Essa agora é boneca! Vossa mercê não me disse que, se o livrava de beber o mar, ficando com crédito e honra, que me havia de dar a liberdade?!

XANTO

Assim o disse, não o nego; mas eu já te dei a liberdade.

ESOPO

De que forma?

XANTO

Quando eu aqui cheguei, estavas preso, e por amor de mim te soltaram. Logo, já te dei a liberdade e tenho cumprido a minha palavra.

ESOPO

Essa não sabia eu. Assim se pagam os benefícios?! Mas eu tive a culpa. Deixara-o

EURÍPEDES

Beber o mar, que, quando nada, podia ficar hidrópico com muita facilidade; e não fora eu taralhão, que o livrara dessa entaladura; porém eu me vingarei.

XANTO

Olha, Esopo, se me trouxerdes minha mulher para casa com alguma indústria, eu te darei a liberdade.

ESOPO

Meta-me aqui o dedo na boca, para ver se o mordo. *No es la burla para dos vezes.*

XANTO

Anda para casa. Não te agastes. (*Vai-se*)

ESOPO

Vou feito um vinagre. (*Vai-se*)

CENA VII

Mutação de exército. Tocam tambores e clarins, e sairão Cresso, rei de Lídia e Temístocles a cavalo.

TEMÍSTOCLES

Invicto Cresso, rei de Lídia, aonde intentas passar com os triunfos? Sem dúvida queres escurecer o nome e valor do mesmo Marte.

REI

Temístocles, quando os homens, como eu, chegam a desembainhar a espada, há de ser para conquistar o mundo; agora me falta avassalar esta pequena parte da Grécia; e seja de todas estas a primeira que sinta o raio da guerra, pois, degolada a cabeça, o corpo logo se prostra.

TEMÍSTOCLES

Os Atenienses. Senhor, são tão destros nas armas como nas letras; e bastava haver nela tantos sábios, para ser difícil render-se; que o bom conselho é o que dá as vitórias, maiormente tendo lá um homem a quem chamam Esopo, que dizem que é astucioso e grandes ardis.

REI

Quem faz caso de um homem à vista de um exército? Que gente temos?

TEMÍSTOCLES

Cinquenta mil homens de infantaria, e vinte e quatro de cavalaria, fora os vivandeiros e gastadores.

REI

Toca a passar mostra, que quero recrutar as tropas e batalhões e deles escolher poucos e bons, para ir sobre Atenas; e a mais gente fique para se empregar em outras peças com os cabos que eu nomear.

TEMÍSTOCLES

Toca a passar mostra.

(Irão saindo os soldados ao som da caixa)

REI

Temístocles, vinde tomar as ordens e chamar os cabos a conselho.

CENA VIII

Descobre-se um templo e no fim dele estará uma estátua de Júpiter, ao pé da qual há de haver uma águia com três raios nas unhas, a qual se há-se mover ao seu templo, e cantará o coro; e ao mesmo compasso irão saindo Messênio, Xanto, Periandro e Esopo, o qual dançará, e depois que se cantar, tocarão tambores.

ESOPO

Aqui nos correm a caixa.

MESSÊNIO

Que novidade é esta?

XANTO

Isto é caso nunca visto!

(Sai Ênio)

ÊNIO

Senhores, toda a cidade está alvoroçada à vista de um poderoso exército com que El-Rei Cresso de Lídia vem destruindo os campos, e já à vista das nossas muralhas; e tu, Messênio, como general das armas sai a defender-nos.

MESSÊNIO

Eu vou e verá El-Rei Cresso o meu valor.

ÊNIO

Sempre tive agouro com este Júpiter. Valha o Diabo a El-Rei Cresso, que no melhor que eu estava fazendo um contratempo, nos veio fazer um *passa-pé* daqui fora.

MESSÊNIO

Vamos, senhores.

XANTO

Esperai; pois, já que estamos aqui no templo de Júpiter, consultemos o seu oráculo, e o que ele nos disser obraremos.

PERIANDRO

Aconselhou como sábio.

MESSÊNIO

Pois, Xanto, pergunta tu, que como douto o farás melhor.

ESOPO

Meu senhor fala aos jovens como ninguém.

XANTO

Grande oráculo de Júpiter, como resistiremos a El-Rei Cresso de Lídia?

ESOPO

Pois aquilo tinha muito que dizer? Tudo é opinião neste Mundo.

(Haverá como terremoto e estrondo)

ESOPO

Irra, que terremoto! O templo parece que se vem abaixo! Este Júpiter será gago, que tanto lhe custa a falar?

(Canta-se o recitado seguinte, como em resposta do oráculo de Júpiter)

Ao mais livre de vós e ao mais escravo
Consultai, que é um oráculo vivente,
E vereis claramente
Do que saber quereis o desengano.
Ele será o remédio deste dano;
E para que o saibais com mais clareza,
Dessa águia reparai na ligeireza.

(Voa a águia acima dita e se põe sobre a cabeça de Esopo, que cairá por terra, e depois se irá por como estava)

ESOPO

Vocês não veem a pássara, que anda voando de verdade?

XANTO

A águia de Júpiter voando! Isso é novidade! E vai direita para Esopo.

TODOS

Que portento!

ESOPO

Xô, diabo! Passa fora!

XANTO

Deixa; não enxotes, tolo; olha que é sacrilégio.

ESOPO

Com que, por ser de Júpiter, deixarei que me tire um olho! E mais de quê, eu sei porventura se é águia, ou corvo?! E isto com três raios nas unhas, que me chamusque o cabelo.

XANTO

Quem será o venturoso, sobre quem se ponha esta águia?

ESOPO

Eu sou o venturoso desgraçado! Xô, à que del-Rei!

(Voa outra vez a águia e torna para o mesmo lugar, e levanta-se Esopo)

PERIANDRO

Sem dúvida que Júpiter quer que Esopo seja o oráculo.

MESSÊNIO

Pois responda Esopo.

XANTO

Que há de dizer um escravo?

ESOPO

Eu não tenho dúvida em decifrar este enigma da águia; mas há de ser com condição que me hão de dar a liberdade.

TODOS

Dê-se a liberdade a Esopo.

MESSÊNIO

Xanto, dá a liberdade a Esopo e quando não, lha dará o povo e ficará livre.

XANTO

O que hei de fazer por força, quero-o fazer por vontade. Esopo, estás liberto.

ESOPO

Agora, sim! Nobres Atenienses, dai-me atenção, que falo sério. Bem vistes que a águia de Júpiter se pôs sobre a minha cabeça. A águia é o símbolo dos Impérios, e eu era escravo, e isso quer dizer que o Império de El-Rei Cresso nos quer avassalar; mas, como depois disso o escravo conseguiu liberdade, também Atenas terá a mesma fortuna, se seguir os meus conselhos.

XANTO

Bem decifrado enigma!

TODOS

Viva Esopo, e ele seja o Diretor desta guerra.

XANTO

Esopo, aquela casa é tua; ainda que libertos estás, não te apartes de mim.

ESOPO

Algum diabo, que eu me vá de casa, estando nela a senhora Filena, a quem entro agora a servir a mostra-me seu amante às escâncaras. Xanto, vamos, que hoje vos faço a honra de ser vosso hóspede.

TODOS

Viva Esopo, nosso libertador!

ESOPO

Não gabem a porca, antes de passar o marrão.

TODOS

Vamos a pelejar!

(Canta o coro)

ATO II

CENA I

Mutação de selva, e no fim haverá um palácio onde estará a mulher de Xanto, e sai Esopo,

ESOPO

Venho deitando o bofe pela boca fora. Boa fé, que ainda depois de liberto não tenho uma hora de sossego. Pois meu patrão está ateimado a que lhe leve para casa a mulher, que lhe fugiu. A isto venho eu com tanto perigo, porque os inimigos não tardarão muito em vir. Se me agarram, lá ai Esopo os diabos. Como trarei eu esta maldita mulher para casa, que uma mulher teimosa é pior que um cancro, que não tem cura? Mas ali vejo uma Quinta; e, se me não engano, lá está uma mulher; e pelo fartum da cólera é a senhora Eurípedes, pois agora a ela lhe arderá o rabo! Há por aqui quem venda alguns perus, patos, galinhas, coelhos e outras coisas comestíveis?

EURÍPEDES

Esopo, que é isso? Que buscas? Anda cá. É possível que me não viesses ver até agora?

ESOPO

Ai senhora, confesso-lhe que não tenho tido uma hora de meu com o casamento de meu amo o senhor Xanto.

EURÍPEDES

Como é isso? Xanto casa?! Pois eu já morri?!

ESOPO

Prouvera a Deus! (*À parte*) Sim, senhora; casa o senhor Xanto com a mais linda rapariga que há nesta terra. Apenas vossa mercê se foi de casa escumando como uma cadela de fila, quando logo foram tantos

os casamentos que saíram a meu amo, que isso foi uma coisa nunca vista. Ajuntaram-se na porta tantas mulheres todas as gritar: a mim, a mim! Outras diziam: eu, eu! Então acabei de ver quanto valia um filósofo. Meu amo, vendo que choviam nele mulheres como na rua, mandou que subissem todas e que o levassem por oposição, visto estar vago o estrado de vossa mercê. Foi coisa para ver como elas se opunham umas às outras! Qualquer delas sabia bem da arte de amar; porém Geringonça (que também entrava no concurso) levou a palma em vida; e, como meu amo estava afeiçoado de Geringonça, ela foi a que triunfou e com efeito está teúda e manteúda em casa. Amanhã se faz o casamento, para o que venho a apenar todas as aves de pena. Adeus, senhora. Há por aqui quem venda alguns perus, patos ou galinhas?

EURÍPEDES

Espera, Esopo; olha cá o que te digo.

ESOPO

Se tem alguns perus para vender, venham, que os quero comprar.

EURÍPEDES

Ele pagará o pato. Há maior desaforo! Que este magano de meu marido não basta namorar-se da criada, mas também casar com ela! Estou uma víbora.

EURÍPEDES

Eu o creio.

EURÍPEDES

Xanto casar-se com outra mulher?! Isto é crível?

ESOPO

Pois se ele está vivo! Não se fora vossa mercê da casa.

EURÍPEDES

Espera, Esopo, que eu vou contigo perguntar a esse insolente se há de casar com outrem, estando eu viva.

ESOPO

E tão viva, que tem o espírito no corpo.

EURÍPEDES

Se apanhara agora aquele velhaco, lhe havia de dar muito coice. Estou ardendo com zelos! Montanhas, como não caís sobre mim para sepultar-me?

ESOPO

Espere, se quer que caia um troco sobre o seu corpo; isso farei eu.

EURÍPEDES

Deixa-me, Esopo, que estou zelosa.

ESOPO

Parece que lhe ardeu o rabo.

(Canta Eurípedes a seguinte ária)

A víbora insana
Dos zelos com ira
Penetra tirana
O peito que espira
Nas ânsias da dor.
Frenética morro;
Aflita suspiro,
Languente respiro
Nos zelos de amor.

(Vai-se)

ESOPO

À fé, que ela vem para casa. Ora já logrei o meu intento. Mas que ouço? Tambores? O inimigo já vem chegando; vamos a defender a praça.

(Toca o tambor)

CENA II

Mutação de arraial, e no fim estará um castelo com gente de guerra, e saem El-Rei Cresso, Temístocles e mais soldados.

TEMÍSTOCLES

Soberbos e arrogantes são os muros de Atenas! Parecem inconquistáveis!

REI

Por isso mesmo será Atenas o alvo de minhas iras militares. Se vos parecem soberbos e arrogantes esses muros, logo os vereis reduzidos a lamentável estrago. Ó Atenas, ou tu te hás de render, ou eu hei de ficar sepultado debaixo de tuas muralhas.

TEMÍSTOCLES

Senhor, o bom Capitão deve ser prudente, e não temerário.

REI

A prudência é capa dos medrosos. O empreender possíveis é princípio de triunfar. Vá volantim à praça e diga aos Atenienses que quem se acha nesta campanha é El-Rei Cresso de Lídia, a cujo valor se tem sujeitado todo o Peloponeso; que me acho com a flor de minhas tropas; que, se quiserem sujeitar com capitulações honrosas, pagando-me um leve tributo, escusarão de experimentar os rigores da guerra e um assalto rigoroso; e, quando não, não ficará pedra sobre pedra.

(Irá um volantim ao muro e dará o mesmo recado, ao que respondem da muralha)

MESSÊNIO

Dizei a El-Rei Cresso de Lídia que Atenas, como soberana, nunca reconheceu superior; e que seu exército não nos assombra; pois os de Atenas brigamos com dobradas armas, que são as do

entendimento e as da guerra; e assim, que nós resistiremos até morrer.

REI

Notável resolução!

(Canta o Rei a seguinte ária e recitado, e depois dá-se o assalto)

Ânimo, pois, soldados valorosos;
Castiguemos a bárbara ousadia
De Atenas temerária,
Sentindo o insensível
De Mavorte feroz a fúria horrível.

ÁRIA

A fábrica altiva
De tanto edifício
Cruel sacrifício
De Marte será.
O fogo que acende
Belona no peito
O muro desfeito
Em cinzas fará.

REI

Valorosos soldados neste primeiro assalto consiste a honra e o valor.
Toca a investir!

(Toca-se, e se dá o assalto, arrimando duas escalas, por onde subirão alguns soldados a brigar com os da praça, e se lançará ao mesmo tempo algum fogo. Depois de alguma resistência, entre as vozes dos soldados dirá o rei)

REI

Toca a recolher; suspenda-se o assalto, que morreu muita gente.

CENA III

Mutação de sala, onde estarão Xanto, Ênio e Periandro, e haverá como uma grande cadeira no fim.

XANTO

Não é razão que pelo exercício das armas se suspenda o das letras; e assim, enquanto pelejam os soldados no muro, não quero esteja ocioso o discurso nas aulas. Sentemo-nos e vá de argumentos.

(Sai Esopo)

ESOPO

Ai, quem me acode, que morro?

XANTO

Que tens? Que te sucedeu?

ESOPO

Venho esfaltado de brigar com os inimigos, que deram um assalto na praça.

PERIANDRO

Pois vencemos?

ESOPO

Eu, suposto lá me achasse, não vi coisa alguma.

PERIANDRO

Como? Isso implica.

ESOPO

Não implica; de sorte que eu ia para ver o assalto, quando me disse um soldado, que era todo uma nata, e estava sentinela: se quer ver, há de pagar à porta!

ESOPO

E quis a minha desgraça que não levava dinheiro; e, como me viram sem laia, deram-me logo uma baixa redonda.

PERIANDRO

Bom diretor temos para esta guerra! Entendo, Esopo, que, se tu fazes das tuas, que todos ficaremos cativos de El-Rei Cresso.

ESOPO

Se isso assim for, pegue vossa mercê no senhor Júpiter e dê-lhe muito acoite; pois ele foi o que me alcovitou para ser general desta guerra.

XANTO

E que novas me dás de minha mulher?

ESOPO

Ainda essa é pior guerra, porque é uma guerra porca; pois, quando se encoleriza, tocando com as vaquetas das pernas no tambor da sua paciência, cada palavra é uma bala, e cada saliva um perdigoto.

XANTO

Pois, homem, vem para casa, ou não?

ESOPO

Esteja descansado, que ela logo vem; porém, ainda que mal pergunte, hoje há aqui conclusões?

XANTO

Há uma conferenciazinha; e tu, Esopo, também hás de argumentar.

ESOPO

Quem defende?

PERIANDRO

Eu defendo três pontos.

ESOPO

Quais são, que eu também quero meter o meu bedelho?

PERIANDRO

As questões são curiosas.

Diga, que também sou curioso.

PERIANDRO

O primeiro ponto é que o maior indício do amor é andar um amante triste. O segundo ponto é que o amor, para ser perfeito, há de ser cego. E o terceiro definir coisa é o amor.

XANTO

Eu presido; argumente Ênio e Periandro.

ESOPO

Na terra dos cegos quem tem um olho é rei. Argumente o senhor Ênio, que eu estou já pulando para conseguir esgrimir a espada da eloquência.

ÊNIO

Ora contra o primeiro ponto, em que se afirma o maior indício do amor é andar triste um amante, argumentando assim: A tristeza é indício do desgosto; o amor é o maior gosto; logo, não pode ser a tristeza indício de um gosto, qual é o amor.

XANTO

Repita.

PERIANDRO

Nego que o amor seja o maior gosto.

ÊNIO

Provo. Se o amor não fora gosto, todos o aborreceriam; e, como todos procuram o amor, logo o amor é gosto.

PERIANDRO

Todos apetezem o amor com vontade constrangida, concedo; com vontade livre, nego.

XANTO

Admiravelmente; porque a vontade forçada não é vontade.

ESOPO

Isso se acaba com a experiência. Vamos às galés, e faça-se autonomia em um forçado, para ver se tem a vontade livre.

ÊNIO

Contra.

ESOPO

Ora cala-se, que não há de levar a melhor de se seu Mestre; pois, ainda que diga uma asneira, sempre há de vencer. Deixe-o agora comigo, que hei de buscá-lo: *Faciat mihi dicendi veniam, Pater Magister barbatus, e enamoratus cum Mixela sua, contra punctum corridum sic argumentor: Se o indício maior do amor fosse a tristeza, non tangeretur violam Barbeirus visinhum mecun ad namorandam cachopan; sed sic est que a viola é significativo da alegria: ergo barbeiro namorandam fregonam non usaretur de coisa alegre.*

PERIANDRO

Nego a menor, que seja a viola significativo da alegria; pois às vezes nela se tangem sons tristes.

ESOPO

Non potest esse; argumentor ita: Não haverá barbeiro, que ad namoradam, vel bichancreandam fregonam non tangat oitavado; átqui que o oitavo é som folgazão; ergo, amor inginhatur com coisa alegre.

XANTO

Distingo: O oitavo é som folgazão: *ut vulgo* a arrepia, concedo; porém se é o oitavo mole, nego.

ESOPO

Tudo o que é mole, se arrepia; o cabelo se arrepia, porque é mole; ergo, o oitavo mole e o arrepia se não podem separar, por serem *ejusdem furfuris*. Este argumento não tem resposta; assim o diz Galeno: *Omne mole arripiatur*; ou *surripiatur*, como diz a glosa.

XANTO

Ora cala-te, que não dizes nada.

ESOPO

Olhem vossas mercês; sempre um exemplo aclara muito bem um calcanhar. Vá fora da forma: Se a tristeza fora significativo do amor, seguir-se-ia que o burro era a mais amante criatura, pois é certo que não há animal mais triste, melancólico e sorumbático do que o burro; e assim, ou vossa mercê me há de conceder que o burro é amante, ou há de negar que a tristeza não é sinal de quem tem amor. *Quid dicis ad haec?*

XANTO

Digo que tens razão.

ÊNIO

Vítor Esopo! Boa paridade!

ESOPO

Pois eu não disse por paridade; o certo é que eu sou um grande talento.

ÊNIO

Contra o segundo ponto das conclusões que quis que o amor, para ser perfeito, há de ser cego: o amor reside na vontade; o entendimento é o farol que guia a vontade; logo, se a luz do entendimento alumiar a vontade, nunca o amor seria cego.

PERIANDRO

Respondo que nesse caso também o entendimento está cego. Se o entendimento está sem luz, como pode guiar a vontade?

ESOPO

Espere, espere, que agora lhe salto nas ancas: *totus amor est albarda; átqui que albarda est enxerga; ergo*, o amor há de enxergar.

XANTO

Quem te disse a ti que o amor era albarda?

ESOPO

Ui, senhor, desde que me entendo, ou antes de me entender, sempre no berço me embalaram com aquela cantiga:

O amor é uma albarda,
Que se põe em quem quer bem;
Eu, por não ser albardado,
Não quero a ninguém.

XANTO

Isso é questão de nome; vamos ao terceiro ponto, que é definir o amor.

PERIANDRO

Agora defina Esopo o que é o amor, que nós lhe argumentaremos.

XANTO

Dizes bem; ouçamos o que diz, e vejamos o seu juízo.

ÊNIO

Bem está, que ele tem grande juízo. Assim o tivera eu!

ESOPO

O meu juízo já andou demandando em juízo; mas eu, por lhe faltar a vontade, me subo magistral e definirei o amor.

TODOS

Ora ouçamos a Esopo: *chitom!*

(*Sobe Esopo à cadeira; e, assentando-se nela, diz*)

ESOPO

Vulcano, aquele célebre ferreiro, a quem a Gentilidade hipotecou o domínio do fogo, foi marido de Vênus (ainda que outros dizem que Vênus é que foi a sua mulher) Valha a verdade, que eu com isso me não meto! O que sei que é, estando Vênus ao pé de uma bigorna em que Vulcano estava batendo um ferro em brasa e sobre este descarregando o martelo, eis que salta uma faísca, prega-se na barriga de Vênus e, como à queima-roupa, atea-se o incêndio na camisa; mas quis não sei quem que, como Vênus era filha do mar alto, o fogo a não pudesse abrasar, fazendo-lhe uma empola na barriga. Cuidado, senhores, com o fogo, principalmente junto da formosura; porque a beleza é isca, que com qualquer fogo se atea; é mecha, que com qualquer faísca estoura. Bem se viu no presente caso, mas não parou aí o estrago, porque a tal empolazinha, ainda que diziam os médicos, não é nada, não é nada, ela em nove meses cresceu de tal sorte, que aprecia um tambor. Vendo-se a formosa Vênus em tanto perigo, mandou chamar três velhas, suas conhecidas, e insignes mezinheiras. (Eram elas mulheres muito honradas no seu corpo, e nos seus adornos mui parcas) Cada uma, conforme a sua antiguidade, foi-lhe apalpando a barriga. A primeira velha disse: – Senhora, a barriga de vossa mercê tem tal quentura, que me persuado que tem nela um incêndio. Disse a Segunda: – Pois eu, se me não engana o tacto, acho a barriga de vossa mercê tão dura, que cuido tem dentro dela um calhau. Respondeu a terceira velha: – Com licença das senhoras comadres, cuido que o que Vênus, minha senhora, traz na barriga é um bicho, pois pelos saltos que dá nela, assim me atrevo a afirmar. Palavras não eram ditas, quando estoura Vênus pelas ilhargas, e saiu como uma pelota um rapaz, cego de ambos os olhos, com aljava ao ombro e na mão um arco; e, pondo-se em pé, disse a criança: – Não quebrem a cabeça, que o que minha mãe tinha na barriga era o amor, que sou eu! Vendo as velhas este prestígio, disse a primeira: – Não cuides. Cupido (que o rapaz logo trouxe o nome consigo), que não cuides que me deste quinau, pois tanto montava dizer que Vênus, tua mãe, tinha na barriga um incêndio, que o Ter amor; porque amor e incêndio tudo é o mesmo. A quantos amantes na tirania de um

desdém faz o amor seu foguete, e de rabo, quando dá as costas aos carinhos, por mais que busca pé para disparar nas meninas dos olhos o foguete de lágrimas, que chora? Todas as árvores de geração são esgalhos da árvore do fogo do amor, donde cada bomba é um pomo e cada folha um tranque; porque todo amor acaba de estouro. Para as damas é o amor borralho; para os moços esquentador; para os asnos fogo selvagem; para os lacaios fogo lento; para os tafuis fogo viste linguça; para os pretos tição; para os rapazes fogueira, e para todos Inferno. Disse a boa da minha primeira velha. Quando a Segunda, inchando o gorgomilo e encrespando as cordoveias, disse: – Pois na verdade que me não enganei em dizer que Vênus tinha um calhau na barriga; pois nenhuma outra coisa é o amor senão uma pedra; e se não, vejam: A cabeça do amor é pedra de porco espinho, pois pica os pensamentos amorosos; a testa é mármore, de que se lavram as estátuas da ausência com o buril da memória: os olhos são esmeraldas, cor da esperança, com que engana; a boca rubim, pelo sanguinolento; a garganta pedra hume, pelo que aperta; o peito diamante, porque um amor só com outro amor se lava; os braços, por vitoriosos, pedras vitorinas; as mãos pedra lipis, pelo que cauterizam, e finalmente o rabo pedra bazar. É o amor, pelo forte, rocha viva; quando prosa, pedra de raio; quando engoda, pedra de açúcar; quando atrai, pedra íman; quando experimenta finezas, pedra de tocar; quando vence impossíveis, a melhor pedreira; e quando doura agravos, pedra filosofal. Para as mulheres, pedra de estancar sangue; para os homens, pedra de funda; para quem foge, ou as amola, rebolo; para os barbeiros, pedra de afiar; para as cozinheiras, pedra de ferir lume; para os mochilas, pedra da rua; para os marujos, lancho da praia; para os meninos, confeito seixinho; para os gulosos, pedra de cevar; para alguns, pedra cordial; e para todos, pedra de escândalo. Ainda não tinha bem acabado de dizer a última sílaba, quando a outra velha, abrindo a caixa da boca, tirou o cachundé da eloquência e, já quase enfurecida, disse: – Suposto, senhores, que eu seja mulher, não hei de ficar vencida; porque, se afirmei que Vênus tinha na barriga um bicho, não disse mal. Pois que coisa é o amor, senão um bicho, um animal, e um lagarto? E, senão pergunto: Que é o amor senão uma hidra de sete cabeças, que nem o mais valente Hércules pode vencer? É

cameleão, que se sustenta com o vento das lisonjas; é tarântula, que com os descantes cura o veneno; quando diligente, é santopeia; quando se ateia, aranha; quando com vista mata, lince; quando cega, toupeira; quando desdenhoso, ouriço; quando tímido, lebre; quando valente, tigre; quando fiel, cachorro; quando menino, lesma; quando arrastado, cobra; quando trombudo, elefante; quando néscio, camelo; quando furioso, leão; e quando para, sendeiro. É o amor para as damas, arminho que regala; para as freiras, cãozinho que afaga; para as velhas, dragão que mete medo; para os mancebos, cavalinho da alegria; para os velhos, cavalo cansado; para as cozinheiras, gata borrarreira; para as feias, cão de arame; para os valentes, anta; para os granadeiros, lontra; para os sapateiros, bezerro; para os casados, touro; para os pacientes, cabrão; para os asnos, burro, que dá coices na alma; e finalmente bugio, porque a todos prega o mono. Pra prova desta verdade perguntai a esses amantes o que fazem, para explicar o seu amor! Sabeis o que fazem? Fazem um bicho; porque o mesmo é fazerem um bicho, que dizerem que tem amor; pois o amor é bicho. É o amor bicho de concha, que no mar de Vênus se gerou; é bicho de seda, que, transformando-se em borboleta, se parece com o amor nas asas; é bicho de cozinha, que tempera os gênios mais ásperos; é sabichão, porque a todos engana. Quando nos embebeda, bichaninha gata; quando nos mete medo, bicharoco; quando no chupa o sangue da bolsa, é bicha; e finalmente é bicho carpinteiro, que não pode estar quieto com os seus bicharocos. E concluiu a velha toda esta arenga, fazendo um horrendo e espantoso bicho, dizendo: Quem vossa mercê, senhor Cupido? Essa é boa! Essa é a definição do amor que lhe deram as três velhas, vindo a concluir que o amor é fera, raio e pedra; fera nos estragos, raio nos incêndios e pedra na dureza.

ESOPO

E quem quiser mais vá a sua casa.

XANTO

Por certo que definiste bem o amor; e em prêmio da tua sabedoria terás o grau de doutor em filosofia.

PERIANDRO

Justo é que laureemos a Esopo.

ÊNIO

Esopo merece todas as honras de sábio.

XANTO

Hás de ser mestre do curso que há de abrir para o ano.

ESOPO

Isso é pulha! Mestre do curso! Muito hei de gostar em alfazema e alecrim, para perfumar a aula, que cheirá, que será um desamparo.

XANTO

Hás de ser mestre do curso que se há de responder a uma pergunta solta, que é costume acadêmico.

ESOPO

Quem pergunta, saber quer. Ora vá!

XANTO

Dize, Esopo: por que razão chamam aos corcovados poetas?

ESOPO

Sic quarit, e respondeu: Chamam aos cancondas poetas, porque os versistas deste tempo são poetas, mas é cá para trás das costas.

PERIANDRO

Boa resposta!

ÊNIO

Boa agudeza!

ESOPO

Aí está ela muito à ordem de vossa mercê.

XANTO

Ora eu te constituo doutor, Esopo, pela autoridade que tenho da República.

PERIANDRO

Muito bem, senhor Doutor.

ÊNIO

Senhor Doutor? Seja-lhe muito parabém.

ESOPO

Com que só basta dizer o senhor Xanto que sou doutor, para logo o ser?!

XANTO

Quem o duvida?

ESOPO

Ora eu cuidava que para ser doutor era necessário andar um homem em Salamanca sete anos, e no cabo só uma palavra basta para ressuscitar a um néscio do sepulcro da ignorância!

(Sai Eurípedes gritando muito, e dará com a cadeira no chão e ficará Esopo debaixo dela)

EURÍPEDES

Donde está este patife e este velhaco de meu marido? Donde está, que lhe quero perguntar se há de ir raso com outra mulher, estando eu viva? Tudo há de ir raso nesta casa; não há de ficar pedra sobre pedra.

ESOPO

À medida que del-Rei, que morro, que me estalou a corcova! Antes queria ser burro vivo, que doutor morto.

XANTO

Senhora, que terremoto é esse que vem fazendo? Que tem?

EURÍPEDES

Ainda que me pergunta que tenho? Você casado com Geringonça, estando eu viva?!

XANTO

Eu, senhora?! Isso é testemunho!

EURÍPEDES

Esopo, não mo disseste?

ESOPO

É verdade; mas, como vossa mercê não queria vir para casa fazer vida marital com meu patrão, foi-me preciso fingir que ele se casava; porque vossa mercê então, acossada dos zelos, viria para a sua companhia.

XANTO

Eu te perdoo a peça, pela indústria com que a trouxeste para casa.

EURÍPEDES

Esopo, desavergonhado, tu me foste enganar? Pois em ti vingarei a minha raiva. (*Dá-lhe*)

ESOPO

Tá, tá! Tenha mão para lá, que não já sou seu cativo, que me libertou o povo; e além disso sou doutor em filosofia, que é o mesmo que mestre em alhos; e já agora tão bom, como tão bom.

EURÍPEDES

Está bem; tu mo pagarás. Anda, Xanto. (*Vai-se*)

ÊNIO

Vinde, Periandro, que já não posso aturar o diabo da mulher.

PERIANDRO

Ide, Ênio, que quero ver se posso falar com Filena que há dias que não a vejo.

ÊNIO

Pois ficai-vos embora. (*Vai-se*)

PERIANDRO

Se estará ainda Filena mal comigo, pois desde o dia que o pai foi para beber o mar, me não quis falar? Bem disse Esopo que o amor era pedra, fogo e fera, pois tudo tenho, e tudo acho em meu amor: fera na condição de Filena; fogo no incêndio de meu peito; e pedra no imóvel com que me detenho nesta casa, que parece que sou o mesmo edifício aonde habita Filena. Oh, quem nunca soubera o que era amor!

(*Sai Filena*)

FILENA

Quem está aqui?

PERIANDRO

Quem há de ser, senão quem adora, não só o ídolo de tua formosura, mas até as paredes do templo, onde te elevas a deidade?

FILENA

Se soubera que estavas aqui, não passara por esta sala.

PERIANDRO

A tanto chega o teu ódio, que nem ver-me desejas?

FILENA

Não posso responder, porque minha mãe já veio para casa e lhe vou falar.

PERIANDRO

Espera, que te não hás de ir, sem primeiro fazermos as pazes; pois sem razão vejo que estás contra mim.

FILENA

Não quero admitir desculpas, que hão de ser tão falsas como tu, que as pretendes dar; deixa-me, Periandro, que vou ver minha mãe.

PERIANDRO

Escuta sequer um breve instante, Filena, as queixas de um amante aflito; não queiras que de todo acabe desesperado aos golpes de uma mágoa.

FILENA

Por me não deteres mais, dize o que queres dizer.

PERIANDRO

Pois escuta.

(Canta Periandro a seguinte ária)

Ingrata, não sei porquê,
Podendo eu ser feliz,
Fazes com teu rigor
Que chegue a enlouquecer.
Cruel deidade, vê
Que, ainda que infeliz,
Em mim se acha amor,
Que puro sabe arder.

Compadecida da tua mágoa, buscarei hora em que com mais vagar te desculpes, e eu te satisfaça. *(Vai-se)*

CENA IV

Mutação de Câmera, e sai Esopo com um papel na mão.

ESOPO

Grande peso tenho sobre as minhas costas! Não bastava esta corcova, mas sobre ela ainda um amor, como um inchaço! Eu

confesso que sim, tinha amor à menina, depois que a vi ontem caindo-lhe a baba pelos cantos da boca, ainda fiquei abrasado. Vejam agora a asneira deste meu amor, em que havia achar motivo para se atear! Eu tomara declarar-me com ela. Se pegar, muito bem; quando não, pouco se perde; mas eu acho de mim para mim que ela não há de ter dúvida a ser minha amante, pois já agora sou doutor e ela que mal lhe estará levar em capelo a minha contubérnia amorosa?

(Sai Filena)

FILENA

Esopo, dois dias que não dás lição. Ora vamos a isso.

ESOPO

Ora digam agora vossas mercês sem paixão: quem se não há de namorar daquela cara, que aprece pintada a óleo de linhaça?

FILENA

Vamos à lição, se queres; se não, vou-me. Isso não quero. Olhe, menina, ninguém corre atrás de nós; tempo tem a lição; conversemos um pouco primeiro.

FILENA

Ora conversemos, que eu gosto muito das tuas graças.

ESOPO

Mais entendo eu que gosta das minhas desgraças.

FILENA

Das tuas desgraças?! Como?

ESOPO

Bem; já estou metido na tramoia. Eu começo a explicar-me. Como está o senhor seu pai dos flatos?

FILENA

Que tem cá as tuas desgraças com os flatos de meu pai?

ESOPO

Isto foi um entreparente; mas o caso é que as minhas desgraças
vossa mercê... quando... hoje... amanhã... Eu estou fora de mim! Não
digo coisa com coisa!

FILENA

Que dizes, que te não entendo?

ESOPO

Agora, eu me explico. De sorte que eu... não... não... e maneira... que
vossa mercê... não... sim... não... espere... faça vossa mercê de conta...

FILENA

Que hei de fazer de conta? Tu estás bêbado?

ESOPO

*Não estou bêbado, por vida minha; ora espere, que eu me explico neste
soneto:*

Ora aspiro, ora temo, ora duvido;
Ora grave, ora meigo, ora severo;
Ora enjeito, ora peço, ora não quero;
Ora paro, ora tenho e ora envido;

Ora inculto, ora monstro, ora Cupido;
Ora pronto, ora tímido, ora fero;
Ora livre, ora escravo, ora impero;
Ora amante, ora ingrato, ora sentido;

Ora morro, ora vivo, ora me afago,
Ora rio, ora choro, ora me assanho;
Ora já, ora não, e ora logo.

Ora envido, ora perco e ora ganho;
Ora incêndio, ora neve e ora fogo.

Estranho variar de amor estranho!

FILENA

Tens dado mais horas, que um relógio e em tantas não te pudeste explicar.

ESOPO

Pois, senhora, nas horas desse relógio apontava o mostrador do meu enleio, quando a formosura de vossa mercê me tem feito em quartos, e por instantes morrendo na repetição dos golpes.

FILENA

Sim? Pois que é?

ESOPO

É o coração, que está a bater.

FILENA

Pois isso que tem? A todos faz o mesmo.

ESOPO

Será; mas eu acho que o meu coração não cabe na pele, porque tem dentro...

FILENA

O que tem?

ESOPO

Tem a, a, a...

FILENA

Se não passas do A, pouco sabes. Que é o que tens, que estás gago?

ESOPO

Quero dizer amor, e não me chega a língua. Ora escute, que cantando me explicarei; pois que o amor é tarântula, como disse um discreto, que fui eu, com a música curarei o veneno do coração.

(Canta Esopo a seguinte)

Sabes tu quem me atormenta?
De mansinho, aqui em segredo:
É... mais ali, que tenho medo!
Ora digo resoluto:
És tu mesma, ingrata, tu.
Tu fabricas este enredo
Aos meus olhos, que lamentam
O rigor daquele mostro,
Que anda cego, nu e cru.

FILENA

Com quê, te namoraste de mim?! Vivas muitos anos, que eu disso não me ofendo.

ESOPO

Sim, mas eu queria...

FILENA

Que querias?

ESOPO

Eu sei! Querei que me correspondesse também, que nos escrevêssemos de parte a parte, ainda que sempre falamos; queria que desse mais um coração de azeviche, com uma fita da sua anágua, e a fita havia falar em esperança. E indo nós assim andando, aos depois o tempo daria de i alguma coisa; pois que diz? Sim?

FILENA

Valha-te o Diabo, mofino, que sempre hás de estar de pachorra!
Vamos à lição, anda, que ao depois quero me notes uma carta para Periandro, que me hei de escrevê-la pela minha própria mão, e da minha letra, tal e qual.

ESOPO

Com quê, não há que deferir ao meu requerimento; e, sobre não ser admitido como amante, hei de ser alcoviteiro? Isso, não há lei que o mande; e, se Cupido tal souber, é capaz de se leva de um jacto; eu irei colhendo favores às furtadelas. Ora ande, menina; escreve lá.

FILENA

Dize devagar, e que amanhã me fale; escolhe tu que for mais seguro.

(Vai ditando Esopo e escreve Filena)

ESOPO

Meu bem Esopo, de quem fio os segredos do meu coração, diga o quanto este se abrasa nas chamas do amor; não lhe posso dizer mais, nem menos; que aos bons entendedores pouco lhe basta. Amanhã à tarde espero vê-lo no pátio escuro para o enxergar melhor, o qual cai para a estribaria do cavalo de meu pai. Muito sua pelo sovaco. Ponha um *F* com um *E* atrás.

FILENA

Há de ser *P*, e não *E*. Não vês tu que se chama Periandro?

ESOPO

É o que me faltava, querer a discípula ensinar ao mestre! Diga lá o *A*, *B*, *C*.

FILENA

A, *B*, *C*, *D*, *E*, *F*.

ESOPO

Basta; pare aí. Não vê, tolinha, que o *E* está atrás do *F*, e não o *P*? Ponha, ponha como lhe digo.

FILENA

Tens razão; eu ponho.

ESOPO

Ao menos a carta é toda lida desta forma.

Lê Esopo, de quem só fio os segredos do meu coração.

ESOPO

Meu bem Esopo, de quem só fio os segredos do meu coração.

FILENA

Não quero; hás de ler assim: Meu bem, vírgula; Esopo de quem só fio, etc.

ESOPO

Não faça caso de pontos e vírgulas, que já se não usam. Ai, que aí vem seu pai!

ESOPO (*à parte*)

Não a darei senão a mim, que eu daqui em diante hei de ser o teu Periandro.

(*Sai Xanto*)

XANTO

Esopo, que escrito é esse, que aí tens?

ESOPO

É a carta da menina.

XANTO

Como vai ela com o ler?

ESOPO

Admiravelmente: já dá escritos a maior facilidade do mundo.

XANTO

Sendo tu seu mestre, não duvido que esteja tão adiantada.

ESOPO

Ah, senhor, que, se ela tomara bem as minhas lições, talvez quisera hoje noutra estalo.

XANTO

São raparigas; querem brincar. Ora, Esopo do meu coração, depois que você veio este tigre de minha mulher para casa, ainda não pude mais falar a Geringonça, e importa falar com ela coisa de grande empenho. Estimara que amanhã à noite nos viéssemos no pátio da estribaria. Esopo, peço-te isto como amigo. Adeus, que me não posso deter.

ESOPO

Este pátio da estribaria, que diabo terá para os amantes? Porém só na estribaria merece estar quem é amante.

(Sai Geringonça)

GERINGONÇA

Ora, Esopo, tu fazes zombaria de mim?

ESOPO

Doutor de quando em quando.

GERINGONÇA

Que ande eu morrendo de amores por ti, e que tu tão seco, tão despedado e desdenhoso me faças desprezos!

ESOPO

Mulher, ou tição do Inferno, não me deixarás? Como queres que te queira bem, se não acho por onde te pegue! Não vês, que és uma cozinheira, e eu sou um doutor?

GERINGONÇA

Tu és doutor?

ESOPO

Quando nada; por quê? Não me viste logo na cara o resplendor doutoral? Vê tu agora se está bem a um doutor casar com uma cozinheira. Já se tu foras doutora, tranca; porém uma criada chirle, fedendo a adubos, *non sufretur in rerum natura*.

GERINGONÇA

Ai, tu sabes latim?

ESOPO

In totum, ite, ite ad temperandas panellas.

GERINGONÇA

Agora te quero mais: olha, que importa que tu sejas doutor? Não vêes que o cavalo alimpa a égua?

ESOPO

Ergo, cavalus sum ego?

GERINGONÇA

Não entendo o que dizes; fala-me como dantes.

ESOPO

Non possum, quia in hac hora venit mihi flatum filosofandi.

GERINGONÇA

Donde aprendeste isso tão depressa?

ESOPO

Venit ab alto, e non te importat.

GERINGONÇA

Que o achaste na porta?

ESOPO

Não há maior desesperação! Queres tu também agora aprender latim? Mulher, como te hei de dizer? Não te posso querer bem.

Deixa-me; quanto mais me segues, mais me persegues. Arre com a sarna!

GERINGONÇA

Que sofra eu estes desprezos!

(Canta Geringonça a seguinte ária)

Vou-me embora, Esopo ingrato,
Já te deixo, pois não quero
Teus repúdios aturar.
Tu desprezas o meu trato,
Sem olhar que te venero?
Pois o amor ma há de vingar.

(Vai-se. Sai Messênio)

MESSÊNIO

Esopo, estamos perdidos.

ESOPO

Por quê? Algum nos busca?

MESSÊNIO

Saiu do exército de El-Rei Cresso um soldado a desafiar um dos nossos, e que amanhã o esperava no campo, só por só, e com armas iguais; e, quando não, que incorreríamos em pena de cobardes; e o pior é que não há quem queira aceitar o desafio, porque os melhores cabos e soldados estão doentes das feridas das setas; e assim, pois Júpiter te escolheu para Diretor desta guerra, dize o que faremos.

ESOPO

O caso ainda assim é de barbas; mas, por vida de Esopo, que eu mesmo hei de sair em pessoa ao desafio.

MESSÊNIO

Tu, como, se não sabes jogar as armas, e os inimigos são destros nelas?

ESOPO

Vossa mercê, senhor Messênio, Esopo, está enganado. Quem lhe disse que eu não sabia jogar as armas? Ainda não há muitas horas que joguei a minha espada com um tambor ao jogo das chapas.

MESSÊNIO

Não te ponhas com graças; dá remédio a coisa de tanto empenho.

ESOPO

Pois, senhor, tenho dito; eu mesmo sairei; eu posso fazer mais que dar conselho e executá-lo? Ora ande, que na guerra vale mais a indústria que o valor.

MESSÊNIO

De ti tudo se espera.

(Vão-se)

CENA V

Mutação de arraial e aparecerá a praça, e a um lado El-Rei Cresso com alguns soldados, e no meio do teatro Temístocles com espada e rodela.

REI

Já que fizeste o desafio, vê lá como te saís dele; não nos desacredites.

TEMÍSTOCLES

Tão poucas experiências tenho dado do meu valor em tantas campanhas, para que agora Vossa Majestade desconfie de mim?

REI

Bem sei que és bom soldado e valoroso; mas nem sempre a fortuna pode ser favorável. Queira Júpiter que triunfes, que a tua glória será a minha.

TEMÍSTOCLES

Venha quem vier; venha o mais valente soldado dos Atenienses, que do primeiro revés o hei de descabeçar. Olá da praça, não vem esse valente?

(Haverá uma porta na muralha da praça, por onde sairá Esopo armado com capacete, espada e rodela, e dará dentro o que se segue)

ESOPO *(dentro)*

Já vou; espere, que me estou apolvilhando. Cuidado, não me fechem a porta do muro, que importa.

(Sai Esopo)

ESOPO

Ora salve Deus a vossa mercê.

TEMÍSTOCLES

Você é o do desafio?

ESOPO

Cuido que sou eu, se me não engano. Arre, lapas! Estava eu manso e pacífico, quem me meteu em desafios? Ah, D. Quixote, aonde estás, que aqui eras tu gente!

TEMÍSTOCLES

Ora, pois; vamos a isso depressa.

ESOPO

Ui, senhor, que pressa tem vossa mercê? Morra eu de cutiladas, mas não quero morrer de afogadilho. Com licença de vossa mercê, já venho.

(Faz que se vai e torna a voltar)

TEMÍSTOCLES

Aonde vás?

ESOPO

Vou mudar de camisa, que entendo que estou mijado com alguma coisa mais.

TEMÍSTOCLES

Bem contrário tenho eu! Desta vez logro o triunfo. Meçamos as armas: estão iguais.

(Medem as espadas)

ESOPO

Estão iguais?! Não há tal!

TEMÍSTOCLES

Como não?

ESOPO

A sua espada tem punho de prata, e a minha de cabelo. Não, senhor; hão de ser armas iguais, ou não hei de brigar.

TEMÍSTOCLES

Iguais se entende do mesmo comprimento. Bem parece que isto não é terra de soldados, mas sim de filósofos.

ESOPO *(à parte)*

Tu o amargarás na conclusão.

TEMÍSTOCLES

Pois estão as armas iguais, agora partamos o sol.

ESOPO

Que parta o Sol? Quer-me você partir o Sol da índia com os dentes? Quem parte o Sol, melhor me partirá a cabeça.

TEMÍSTOCLES

Bem estamos. Toquem os clarins a investir.

ESOPO

Mande antes dobrar os sinos, porque eu desta vez fico enterrado.

(Tocam uma marcha com as trompas)

REI

Que farão os dois, que tanto tardam a investir?

TEMÍSTOCLES

Ora, vamos.

ESOPO

Pois vamos? Adeus, até amanhã.

TEMÍSTOCLES

Briguemos; quando não, vou dando.

ESOPO *(à Parte)*

Dê, dê, que eu farei queixa a sua mãe. E que fará agora Geringonça?

TEMÍSTOCLES

Ora já te não posso aguardar, que as dilações perigam o meu crédito
(Investe)

ESOPO

Espere, espere; tenha mão, que já não pode brigar.

TEMÍSTOCLES

Por quê?

ESOPO

Porque o ajuste foi ser com armas iguais; quanto a isso, não se me dá.

TEMÍSTOCLES

Não se te dá armas? Pois em que te fias?

ESOPO

Fio-me na couraça.

TEMÍSTOCLES

Pois, se as armas estão iguais, que mais falta aqui para a lei do duelo?

ESOPO

O desafio foi que havia ser só por só.

TEMÍSTOCLES

Só estamos.

ESOPO

De burro. Isso é não ser valente. Você com gente de escolta atrás?! Aonde está aí a graça? Não sabe que *nec Hercules contra duo*; quanto mais quem não é para ser criado de Hércules?

TEMÍSTOCLES

Eu venho só e não trago nenhum comigo. (*Volta-se*)

ESOPO

Quer agora negar o que eu estou vendo? Olhe para trás e verá com os seus olhos. Ai! Um, dois, três, dezenove, cinquenta.

Ao voltar Temístocles a cara, dá-lhe Esopo uma cutilada e deitará a fugir a praça e cai Temístocles.

ESOPO

Agora, que se vira, reviro eu. Zumba! (*Vai-se*)

TEMÍSTOCLES

Ah, traidor, que me mataste! Traição, traição!

REI

Que foi isso, Temístocles? Tu ferido dessa sorte?!

TEMÍSTOCLES

Que há de ser? Um traidor, que, dizendo-me que eu trazia frente de escolta, indo a virar a cara me deu uma cutilada.

DENTRO

Viva Esopo, Esopo viva! Vitória!

REI

Com quê, Esopo foi o que veio ao desafio? Ainda estou mais picado!

TEMÍSTOCLES

Veja nossa Majestade se disse eu bem, que Esopo nos havia de fazer a guerra.

REI

Pois juro que daqui em diante apertarei mais o cerco, só para apanhar às mãos esse velhaco de Esopo; anda curar-te na minha tenda.

CENA VI

Mutação de colunas, ou pátio escuro azulejado, e no fim estará uma porta, e sai Eurípedes.

EURÍPEDES

Venho como tonta! Isto é o que quer que é. Estando eu no melhor do sono, não acho na cama o meu marido. Vou à cama de Filena, também não a acho, nem Esopo aparece. Tenho corrido toda a casa alto a baixo, sem ver nenhum. Até me obriga a vir por este pátio. Entrei na estribaria, nada encontro. Que diabo será isto? Mas eu cuido que sinto pisadas; eu me retiro para este canto, que hoje haverá: "cerra, Espanha!" (*Retira-se*)

(*Sai Filena*)

FILENA

Aqui mandei que esperasse Periandro, e Esopo me disse que ele já aqui estava; mas eu não sei por onde ponho os pés, e tenho dado mil quedas; pois com escuro da noite não sei por onde venho, nem por onde piso. Ai, amor, a quanto obrigas!

(Sai Xanto)

XANTO

Agora acabo de ver que é cego o amor, pois como cego venho às apalpadinhas por tantos corredores, até chegar a este pátio, que há de ser esta noite a campanha do amor, em que quero falar a Geringonça.

FILENA

Mas eu cuido que ali vem gente; quem há de ser, senão Periandro?

XANTO

Sinto pisadas, e o vulto, se me não engano, para mim se vem chegando; sem dúvida é Geringonça; que espero, que lhe não falo? Vem embora, pois tu és a luz que me traz cego a falar-te. Tanto tardaste?

FILENA

A voz é de meu pai; estou perdida! Ora, quando os velhos têm amor, que farão os moços! Eu vou-me retirando. Há maior desgraça, que, quando busco a Periandro, encontro meu pai! *(Vai-se)*

XANTO

Com os escuros não atino aonde ela está.

(Vai Xanto chegando para onde está Eurípedes, e sai Esopo)

XANTO

Oh! Cá estás tu?! Pois agora já poderemos falar.

EURÍPEDES

Ai, é o senhor Xanto? Pois eu me calo, até que ele se declare bem, que quero ver a quem busca.

ESOPO

Esta casa parece-me encantada; pois desde a meia-noite, que saí da cama, até agora, estive sem atinar com o pátio. Valha-te o Diabo, pátio, que a tantos fazes patear! Ora aqui estou eu no meio do campo. Venha agora Filena a desafiar-me, e veremos como se porta comigo. E o velho fica logrado, que eu não dei o recado a Geringonça.

XANTO

Minha Geringonça, não sabes que morro por ti? Pois como me desprezas?

EURÍPEDES

Eu me dito, meu feito! Ora quero fingir-me Geringonça.

XANTO

Não me respondes, amores?

EURÍPEDES

Como quer que o queira, se vossa mercê quer tanto a senhora Eurípedes?

XANTO

Valha o Diabo Eurípedes, que por sua causa não me declaro teu amante! Tomara que já morrera para casar contigo.

EURÍPEDES

Há quem isso ouça! Eu quero disfarçar ainda.

ESOPO

Muito tarda Filena! Donde estará esta bugia? Mas parece-me que já a estou vendo vir, tique, tique, com a sua anágua de franjas, sapatinho de tessum, o cabelo desgrenhado, coberta com a sua capona. Mas ai, que agora me lembrou uma coisa; que, se ela me

abraçar, poderá topar com a minha corcova e por ela conhecer-me pelo tacto! Pois bom remédio! Em tal caso, direi que me abrace pelas gâmbias, que é hoje o rigor da França; mas, se me não me engano, aí vem gente, e o pisar é de mulher.

(Sai o burro, que vai para Esopo)

Ela é sem dúvida, que a conhece o nariz pelos aromas que exala; e como serena! Ora fingir-me quero Periandro: Vem cá, planeta da quarta esfera; vem, formosa Vênus, a mitigar o febricitante ardor de meu peito, com o açúcar queimado dos teus carinhos. Não me dizes nada? Estás muda? Sem dúvida que o teu pudor te embarga as vozes na chancelaria do peito. *(Zurra o burro)* Cala-te, cala-te; não te sufoques. Coitadinha da minha menina, como estás touca! Estou tão contente! Desta vez hei de dar duas figas ao amor.

XANTO

Muito te resistes, ingrata Geringonça!

EURÍPEDES

Quero apurar bem a paciência.

ESOPO

Ora agora, meus amorinhos. Meu feitiçinho, dá-me essa mão de jasmim ou esse pé de cravo, para pôr e dispor no canteiro de meu coração. *(Zurra)* Fala de mansinho, não ouça teu pai. Sempre me vás a fugir? Olha cá! Queres tu casar comigo? *(Zurra)* Sim? Pois havemos sair a furto, deixa estar; mas tua mãe não o sabia.

XANTO

Ora isto é já desesperação.

(Faz que pega nela)

EURÍPEDES

Retire-se de lá; quem é?

ESOPO

Menina, não gastemos mais tempo; ajustemos o nosso amor. Ora dá-me um abraço; anda, não sejas burra.

Ao ir Esopo abraçar o burro, dá-lhe este dois coices, e aos gritos de Esopo sairá Geringonça com uma candeia acesa.

ESOPO

À que del-Rei, que me matas! Ingrata, com isso pagas o meu amor?!

GERINGONÇA

À que del-Rei, ladrões no pátio. (*Sai*)

EURÍPEDES

Guarde Deus a vossa mercê, senhor Xanto, pois que vai?

XANTO

Isto é encanto; mofino homem, que há de ser de mim?

ESOPO

Ui, Filena converteu-se em burro! Andou discreta, para a não conhecerem. Ó Filena, torna-te outra vez em gente, que com a baralhada que aqui vai, ninguém repara.

GERINGONÇA

Eu estou pasmada! Que diabo é isto que vejo!

EURÍPEDES

Que diz agora, velhaco, magano? Pois quer que eu morra, para casar com Geringonça? À que del-Rei, sobre este magano!

ESOPO

E o velho como está réu!

XANTO

Não te posso responder: vou matar-me, antes que me mates. (*Vai-se*)

EURÍPEDES

Peguem-me nesse magano.

GERINGONÇA

Ai, senhora, deixe o triste velho; bem lhe basta os seus achaques.

EURÍPEDES

Ainda acodes por ele, velhaca? (*Vai-se*)

GERINGONÇA

Não sou amiga de ouvir pendências. Esopo, que fazes aqui ao pé do burro?

ESOPO

Cala-te, que não é burro; é Filena, que está disfarçada, para a não conhecerem. Não me dirás para que me trouxestes agora essa candeia, pois com ela fizeste tanto desarranjos?

GERINGONÇA

Com quê, esta é Filena?

ESOPO

De que tanto espantas? Nunca ouviste dizer que Vênus se converteu em gata? Pois que muito que Filena se converta em burro? Pois por certo que não é Vênus melhor do que ela.

GERINGONÇA

Pois dá-lhe um abraço.

(*Sai Filena gritando*)

FILENA

Venham acudir a meu pai, que está para se enforcar na grade do leito, por não aturar as guerras de minha mãe!

GERINGONÇA

Esopo, fica-te com o teu burro. (*Vai-se*)

ESOPO

Ora só esta a mim se sucede! Que estivesse eu esfaltando-me em dizer finezas a um burro! Sem dúvida levei dou coices, cuidando que levava dois pescoções.

FILENA

Andem acudir a meu pai, que se enforca.

ESOPO

Deixe-o enforcar, que eu também vou fazer o mesmo. Arre com a cancaborrada da noitezinha! Olhem, não há coisa mais fiel que o nariz; por isso lhe fedia o bafo a cevada; mas, como tinha o nariz cego de amor, cuidei que me cheirava a beijoim.

FILENA

Anda; não te detenhas, que meu pai ninguém; e, se não, vamos e verá. Ah, ingrata, não te perdoo o susto desta noite, que toda foi uma burrada!

(Cantam Eurípedes, Esopo e Geringonça a seguinte ária, a 3)

EURÍPEDES

Cala-te, cala-te, marafona;
Cala-te, infame bribantona;
Se não, vou saltando em ti.

GERINGONÇA

Que fiz eu, senhora quê?
Porque assim sem mais nem mais,
Tão cruel não me trate assim?
Deixe a moça. Ouves tu?
Não lhes digas chus nem bus,
Até passar-lhe o frenesi.

EURÍPEDES

Hoje aqui te hei de matar.

GERINGONÇA

Hoje aqui te hei de estar.

ESOPO

Eu aqui hei de ficar.

EURÍPEDES

Pois que os zelos.

GERINGONÇA

Pois que a dor,

ESOPO

Pois que amor,

TODOS

Já me faz desesperar.

EURÍPEDES

Não te quero mais em casa;

Vai-te, vai-te para fora.

GERINGONÇA

Saiba Deus e todo mundo

A inocência em que me fundo.

ESOPO

Cala-te, filha; alimpa o ranho,

Toma o manto e vai-te embora,

TODOS

Que os enredos deste pátio

Não se podem aturar.

CENA VII

Mutação de Câmera. Saem Xanto e Esopo.

XANTO

Esopo, ouve-me, por tua vida.

ESOPO

Senhor, eu confesso-lhe que já estou arrependido e arrenegado; nem quero ouvi-lo, nem quero nada desta casa; vou-me embora.

XANTO

Pois por quê?

ESOPO

Ui, senhor! É zombaria andar aqui em uma roda viva, Esopo de dia, Esopo de noite, como se eu fora algum boneco de cortiça? Uma casa de enredos e um enredo sem fim? Vossa mercê libidinoso, e sua filha rude, sem tomar as minhas lições; e sobretudo uma mulher brava. Haverá resistência que tal possa sofrer? Pois...

ÁRIA

Ver o tigre de minha ama,
Quando em cólera se inflama,
Dizer ao marido amante:
Venha cá, velho bribante!
E o velho paciente,
Com voz baixa e tremebunda,
Lhe diz: – cala-te lá, serpente.
Quando diz de lá Filena:
Mãe, não seja impertinente;
Tenha modo, e tenha siso!
Mas confesso que com riso
Me faz isto escangalhar.
E que o mísero carcunda,
Vendo tanta barafunda,
Tal se atreva a tolerar!

(Sai Messênio)

MESSÊNIO

Que seja possível que estejas a cantar, Esopo, quando estamos na maior aflição!

ESOPO

Pois quê? Temos outro desafio?

MESSÊNIO

Não vêes o miserável estrago em que está a praça, com um cerco há tantos tempos, sem nos vir socorro de parte alguma, e já não há comer para os soldados? Nestes termos, dize: o que haveremos de fazer?

XANTO

Senhor, eu sou de parecer que nos entreguemos, que não há resistência a um poder tão grande.

ESOPO

Cala-se lá; não se meta aonde não chamam. Ah, senhor Messênio, Júpiter, que me nomeou para general, bem sabe o que fez, que ele não se engana comigo. Mande vossa mercê escolher um par de soldados, os que lhe parecem mais valentes, e a cada um dê uma saia e uma mantilha, e que se preparem com armas curtas e esperem por mim à boca da noite no postigo da muralha, que eu lá estarei, e que façam o que eu disser.

MESSÊNIO

Que intentas fazer?

ESOPO

Logo o saberá. Andem comigo, que são uns fonas.

XANTO

Queira Deus, Esopo, que acertes.

CENA VIII

Mutação de arraial. Descobre-se a praça com o cerco dos soldados, El-Rei e Temístocles.

REI

Notável constância tem mostrado os Atenienses neste sítio, apesar de todo o meu poder, se resistem valentes!

TODOS

Eu entendo, senhor, que cedo capitularão, pois, segundo as informações que deu um soldado que fugiu da praça, está já sem mantimentos; com que cedo lograremos a vitória.

REI

Tomara haver às mãos este Esopo, que só por ele aperto o cerco da praça. Mas não vês abrir-se o postigo da muralha?

(Sai do postigo Esopo, vestido de mulher, e da mesma sorte alguns soldados, com alguns cutelos, que ao depois puxarão por eles, e diz dentro Esopo o seguinte)

ESOPO *(dentro)*

Não me fechem a porta, que aliás perderemos o peso e feitio.

MESSÊNIO

Vai descansado, Esopo, que aqui fico eu; e Júpiter permita que te não suceda alguma.

ESOPO

Quando eu der um assobio, fazer o que tenho dito e fingir fala de mulher.

(Saem)

TEMÍSTOCLES

Quem vem lá?

ESOPO

Senhor soldado que já foi quebrado, somos umas aflitas mulheres, que queremos falar a El-Rei Cresso, ou da Lídia.

REI

Aqui me tendes. Que é o que quereis?

ESOPO

Vossa Majestade sabia que eu sou uma donzela, salvo tal lugar, que com estas companheiras saímos da praça, ou para melhor dizer nos lançaram à margem.

REI

E por que vos expulsaram?

ESOPO

Eu sei? Senhor, Vossa Majestade, se algum dia foi mulher, bem saberá das nossas mazelas; mas, pelo que me disse um tio meu, tambor, que se lançava a gente inútil para a guerra, porque comíamos o comer dos soldados.

REI

Pois tanta falta há de mantimentos?

ESOPO

Ai, senhor, isso não se fala; eu ontem comi uma frigideira de lêmdeas, por não ter outra coisa; esta minha companheira, parindo ontem um filho uma vizinha sua, o comeu, e ainda lhe lambeu os beijos. Pois água? Só dos olhos bebemos as lágrimas. Enfim, senhor, nós estimávamos muito que nos deitassem fora, para enchermos a barriga; pelo que vos pedimos, senhor, que nos mandeis dar de cear e agasalhar; e adverti que a clemência nos príncipes é a melhor pedra que adorna a tua coroa.

REI

Temístocles, agasalhai essas mulheres, que eu me vou recolher. (*Vai-se*)

TEMÍSTOCLES (*à parte*)

Suposto que o escuro da noite mal me deixa perceber as feições desta moça, pelo metal da voz e pelo modo, me tem cativado.

ESOPO

Pois havemos dormir no campo, senhor soldado?

TEMÍSTOCLES

No campo não, mas na minha barraca sim, pois me compadeço de vós; e na vossa companhia suavizarei as asperezas de Marte. Assim o permita o amor.

ESOPO (*à parte*)

Amor? Ai que graça! É nome, esse, que nunca ouvi. Estou bem vindo, se o soldado me namora!

TEMÍSTOCLES

Ora dissei-me: que faz lá esse magano de Esopo? Ainda é vivo?

ESOPO

Coitado de Esopo! Anda bem achacado e já está quase louco com uma teima notável, dizendo que é mulher e não homem.

TEMÍSTOCLES

Tão grande juízo havia de dar volta; pois sinto; que, suposto me enganasse no desafio, contudo sei que é homem de prendas.

ESOPO

Com que, vossa mercê é do desafio? Ora consola-se com as disposições do Céu.

TEMÍSTOCLES

Ora, meu amor, eu mando acomodar as tuas companheiras, e tu vem para a minha barraca.

ESOPO

Para a sua barraca? Isso não!

TEMÍSTOCLES

Ora anda.

ESOPO

E a minha reputação?

TEMÍSTOCLES

Vem segura, que os cavalheiros têm honra e piedade.

ESOPO

Pois olhe, nessa certeza me fio; porém também me há de fazer o favor de mandar retirar todos os soldados para as suas tendas.

TEMÍSTOCLES

Dizes bem; espera aqui, que eu mando aquartelar a gente, que suponho que os da praça não se atreverão a sair. (*Vai-se*)

ESOPO

Isso é certo; tomaram eles bem pão! Olá, companheiros fiéis, cuidado; acometer com valor e ir dando a *troxe-moxe*, que os apanhamos na cama.

(*Sai Temístocles*)

TEMÍSTOCLES

Todos já se recolheram; anda comigo.

ESOPO

Eu não vou sem as minhas companheiras. Olá, agora! (*Assobia*)

Investem as mulheres a Temístocles, e mais soldados, entre os quais haverá pendência, e se recolhem pelo postigo do muro; e, quando Esopo for, achará a porta fechada.

TEMÍSTOCLES

Acudam todos. Traição, traição, que são os homens, e não mulheres!

ESOPO

Dar a matar; morram estes cães!

TODOS

Morram os traidores!

ESOPO

Vamos, que já vem muitos.

SOLDADOS

Vamos para a praça. (*Vão-se*)

ESOPO

Não fechem a porta, que ainda falta eu para entrar.

DENTRO

Não pode ser, que já os inimigos vêm de envolta com os nossos.

ESOPO

Se vem de envolta, não há que temer, que são crianças; abra depressa.

DENTRO

Não há ordem.

TEMÍSTOCLES

Dá-te à prisão; se não, mato-te.

ESOPO

Ai, meu bem, não me leves presa, que eu vou por vontade.

TEMÍSTOCLES

Ainda te finges mulher, velhaco?

TODOS

Morra esse traidor!

(Sai o Rei)

REI.

Que alvoroço foi este?

TEMÍSTOCLES

Senhor, as mulheres eram homens disfarçados, que vieram com armas; e, apenas nos apanharam recolhidos, fizeram logo algum estrago nos nossos, que pudera ser mais; e todos fugiram e só apanhamos este.

REI

Dize: quem és?

ESOPO

Eu sou ninguém.

TEMÍSTOCLES

Agora conheço que és Esopo.

REI

Confessa a verdade.

ESOPO

Senhor, eu sou Esopo, que peço perdão a Vossa Majestade da minha descortesia.

REI

Velhaco insolente, tantas me tens feito, que agora te mandarei enforcar.

ESOPO

Olhe, senhor, que eu sou nobre, e não posso morrer enforcado.

REI

Ou possas, ou não possas, hei de te matar; e só o deixarei de fazer, se me fabricares uma torre no ar.

ESOPO

Aceito; dê-me a sua palavra, e juntamente me há de dar os materiais.

REI

Prometo tudo; pois vejo que tu não hás de fazer a torre no ar, e assim sempre te venho a matar; vamo-nos, e levem-no preso, para que não fuja.

ESOPO

Ai, amada Atenas, que não sei se te virei mais! Adeus, Filena; adeus!
(*Vai-se*)

CENA IX

Mutação de jardim com estátuas, e cantará o coro uma copla, sai Filena.

FILENA

Só a música me diverte neste amoroso tormento em que vivo; pois, sobre não poder mais falar a Periandro, que suponho Esopo lhe não deu o recado, agora sei que Periandro vai também a pelejar, pela falta de soldados. Oh, que bata-lha sente o meu coração! Esopo, por ver se acaso podia divertir a minha mágoa, vim a este jardim, cujas estátuas estão feitas com tal artifício, que repetem fielmente o eco que uma pessoa articula. Divirta-mo-nos cantando.

(*Canta Filena a seguinte copla em ecos*)

Em tanta pena prepara para ara,
O peito, quando se inflama flama ama,
Uma fineza amorosa amorosa, rosa,
Que amor em prantos derrama rama, ama.

(Sai Periandro)

PERIANDRO

Mudas estátuas que vivamente pronunciais o que articula um amante peito, já que pela minha boca me não atrevo a dizer o que sinto, por me não sufocar a pena, dissei pela vossa o que sem remédio choro.

(Canta Periandro a seguinte copla)

Nesta frondosa floresta resta esta,
Quero, pois que o mal conspira, pira ira,
Dizer-te, que por amar-te marte arte,
Este prado me convida vida ida.

FILENA

Amado Periandro, bem sei que vens a despedir-te, ou a dobrar-me os tormentos. Com quê, é certo que partes para a guerra?

PERIANDRO

Bem sabes, Filena, que nunca me desejei apartar de teus olhos um instante; porém os soberanos preceitos se devem obedecer, maiormente por não caber em mim a nota de covarde.

PERIANDRO

Não deixa de amar-te quem busca a Marte; assim, minha Filena, as vozes desta despedida sejam as eloquências do pranto.

(Canta Periandro e Filena a seguinte ária a duo)

PERIANDRO

Filena idolatrada,

FILENA

Querido bem desta alma,

PERIANDRO

Adeus, que já me ausento!

FILENA

Adeus, oh, que tormento!

PERIANDRO

Que eu vou a pelejar.

FILENA

Que eu fico a suspirar.

PERIANDRO

Mais ai, Filena amada,

FILENA

Ai, Periandro amante,

PERIANDRO

Que te amo na partida,

FILENA

Que te amo nesta ida,

AMBOS

No pranto a vida dar.

(Vão-se)

CENA X

Mutação de arraial e castelo, e haverá uma tábua com quatro balaústres, e em cada um, um corvo, e Esopo dentro da dita tábua irá voando; e saem El-Rei, Esopo e outros.

DENTRO

Vamos ver a torre no ar, que faz Esopo.

REI

Esopo, vê que nisso está a tua vida ou a tua morte.

ESOPO

Faremos muito por não morrer desta vez.

REI

Que significam estes corvos?

ESOPO

São os meus oficiais. Ora pois, atenção. Iça arriba! Os corvos não podem chegar aos espetos de carne; parecem Tântalos.

REI

Notável ideia! Já está bem alto.

ESOPO

Ora, senhor, eu aqui estou pronto, como disse, para fazer a torre no ar. Mande-me os materiais: cal, pedra, tijolo, madeira e o mais que for preciso para fabricar a torre.

REI

Quem to há de lá levar nesta altura em que estás?

ESOPO

Pois, como me faltam com os materiais que prometeram, não está da minha parte o deixar de fazer no ar a torre, como afirmiei.

REI

Assim é; desce para baixo, que eu te perdoo a morte, pois da tua parte não faltaste ao prometido.

ESOPO

Eu não sou tão tolo, que, estando no ar, que agora, mais que nunca, é livre, e estando à vista de Atenas, desça para baixo, aonde me pondes estirar em três paus. Eu tomarei a liberdade por mim mesmo.

(Com a tramoia vai Esopo voando, e mete-se dentro na praça)

DENTRO

Aqui vem Esopo pelo ar; isto é novidade, e parece coisa de encanto!
Viva Esopo!

REI

Voou para dentro da praça: grande astúcia!

TEMÍSTOCLES

Senhor, se não matarmos a Esopo, nunca conquistaremos esta cidade. Bem vê já Vossa Majestade como é ardiloso.

REI

Estou tão picado da peça, que agora mesmo a mando acometer; e até me não me entregarem a Esopo, não há de cessar o combate. Olá!
Toca a investir e dar um assalto geral na praça!

(Toca e se dá o assalto)

DENTRO

Estamos perdidos. Entreguemo-nos.

REI

Entreguem a Esopo só, que não quero mais; quando não, a todos mandarei passar à espada, sem exceção de pessoas.

DENTRO

Entregue-se a Esopo, que não é razão que por um se percam todos;
entregue-se Esopo.

ESOPO

Ah, tiranos! Ah, ingratos! Com isso me pegais o bem que vos tenho feito?

(Deitam a Esopo do muro abaixo por uma corda)

REI

Anda cá, Esopo. Que mereces que te faça? Assim se engana aos Príncipes? Hoje hás de ficar sem vida.

ESOPO

Pois, senhor, antes que me mates, ouve-me duas palavras ao menos.

REI

Dize; mas sem esperança de perdão.

ESOPO

Era uma vez um vilão que, vendo-se perseguido de gafanhotos, pois toda a sua lavoura destruíam, começou um dia a matá-los; e, como visse uma cigarra, também lhe quis tirar a vida; ao que respondeu a cigarra: – Tenha mão vossa mercê, que sem razão me mata, pois eu não ofendo as plantas da terra; antes com a minha voz alegro aos caminhantes. Perdoou-lhe o vilão, ouvindo tais razões. Assim, da mesma sorte, ó Rei, eu não sou figura para te fazer oposição, nem que destrua o teu reino; sou, sim, uma cigarra, que não tenho mais do que esta voz ou esta indústria, com que tenho defendido (mais violentado, que por vontade) esta praça; e, se um vilão perdoou a morte à cigarra, tu, que és um rei, por que me não perdoarás também?

REI

Valha-te Deus por Esopo! Já estás perdoado: quero ser teu amigo daqui em diante, que os homens das tuas prendas são para estimar. Pede o que quiseres, que tudo te hei de fazer.

ESOPO

Peço, senhor, que ajusteis as pazes com os Atenienses e que cessem já estas guerras.

REI

Assim o farei. Olá da praça! Abram as portas, que pelos rogos de Esopo tenho feito as pazes e levanto o cerco.

DENTRO

Viva El-Rei Cresso de Lída! Abram-se as portas! (*Entram*)

CENA XI

Depois de entrarem, haverá mutação de sala e irão saindo todas as figuras.

TODOS

Viva El-Rei Cresso de Lída! Viva!

REI

Nobres Atenienses, a Esopo daí os vivas, pois ele foi o que me pediu a paz. E assim, por que não fique sem prêmio um homem de tanto juízo e que deu tanto em que cuidar aos meus soldados, mando que Esopo seja, enquanto viver, governador desta praça enquanto ao político, e como a Rei lhe obedeçam.

ESOPO

Beijo as mãos a Vossa Majestade, pela honra que me faz.

TODOS

Viva Esopo, e viva El-Rei!

ESOPO

Viva até que morra! Agora, com licença do senhor Rei, quero casar, para que seja meu padrinho. Venha cá Filena.

PERIANDRO

Se Esopo casa com Filena, estou perdido!

FILENA

A isto só podiam chegar as minhas desgraças!

XANTO

Que se viesse Esopo em tantas alturas! Coisas são da fortuna!

ESOPO

Filena, pois sempre amou a Periandro, casem, que eu serei o padrinho, já que fui o medianeiro.

PERIANDRO

Beijo-te os pés, Esopo, pelo favor.

FILENA

Ora, concluiu-se o nosso amor.

ESOPO

E, pois, Geringonça sempre me quis bem, há de ser minha mulher. Geringonça, dá cá essa mão de almofariz, para com ela pisar a pimenta do meu afeto.

GERINGONÇA

Lembrou-se Deus da minha pobreza e honestidade.

EURÍPEDES

Já agora, não andará Xanto com Geringonça com amorinhos.

ESOPO

Senhores, isto está concluído, e com bodas se dá fim à vida de Esopo, pedindo a este auditório perdão dos erros, repetindo o coro os vivas desta vitória.

(Canta o coro)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com